



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO NUNO FRADE MARQUES CASTELHANO**

**O método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir**  
**A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

**Porto**  
**2017**

# ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
SIGLÁRIO.....	3
INTRODUÇÃO .....	4
Capítulo I .....	6
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL: CARDIJN E O MOVIMENTO DA ACÇÃO CATÓLICA .....	6
1.    Cardijn: novas luzes para uma nova Europa .....	6
1.1. <i>A vida de Joseph Léon Cardijn</i> .....	6
1.2. <i>Uma Europa em mudança</i> .....	16
1.3. <i>A Igreja e o mundo operário</i> .....	24
1.4. <i>Cardijn</i> .....	29
Capítulo II .....	30
UMA MISSÃO: VIVER A EXPERIÊNCIA DO AMOR DE DEUS COM OS OPERÁRIOS .....	30
1.    O Método de Cardijn.....	30
1.1. <i>Os fundamentos de Joseph Léon Cardijn</i> .....	30
1.2. <i>O método de Joseph Léon Cardijn</i> .....	33
1.3. <i>Os objectivos do método Joseph Cardijn</i> .....	41
1.4. <i>A pedagogia do método</i> .....	42
1.5. <i>O método de Joseph Léon Cardijn, um folego novo no anúncio de Cristo</i> .....	43
Capítulo III .....	46
O MÉTODO DE JOSEPH CARDIJN APLICADO NUMA SITUAÇÃO CONCRETA: A ACÇÃO CATÓLICA RURAL EM PORTUGAL.....	46
1.    A Acção Católica Rural em Portugal e o método de revisão de vida. ....	46
1.1. <i>Cardijn e a Acção Católica Rural</i> .....	46
1.2. <i>Acção Católica em Portugal</i> .....	47
1.3. <i>A Acção Católica Rural em Portugal</i> .....	52
CONCLUSÃO .....	62

Bibliografia ..... 65

## SIGLÁRIO

ACI	Acção Católica Independente
ACP	Acção Católica Portuguesa
ACR	Acção Católica Rural
JAC	Juventude Agrária Católica
JACF	Juventude Agrária Católica Feminina
JARC	Juventude Agrária Rural Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JOCF	Juventude Operária Católica Feminina
LAC	Liga Agrária Católica
LACF	Liga Agrária Católica Feminina
LOC/MTC	Liga Operária Católica/Movimento de Trabalhadores Cristãos
MAAC	Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças
MCE	Movimento Católico de Estudantes
MEC	Movimento de Educadores Cristãos

### Siglário Bíblico

Jo	São João
2 Sm	2º Livro de Samuel

## INTRODUÇÃO

Tendo nascido numa família e numa comunidade rural, Seixo de Mira, diocese de Coimbra, muito marcada pelo positivo trabalho da Acção Católica entendi aproveitar esta oportunidade para estudar a grande figura de Joseph Léon Cardijn, o homem que se dedicou ao mundo operário e o dinamizou com o método “Ver, Julgar e Agir” que escolhemos como tema e título desta dissertação.

A vida, o trabalho e os escritos de Joseph Léon Cardijn permitem compreender facetas da sua espiritualidade, em particular, a sua dedicação em favor dos operários. Numa atitude de fé e esperança entregou a sua vida totalmente a Cristo, pelos operários, tornando-se um mensageiro do evangelho para o mundo operário.

A presente dissertação foi elaborada em torno da vida deste homem, analisando o impacto que a sua acção teve para a vida da Igreja e do Mundo, uma vez que Cardijn foi um homem que marcou a vida da Igreja no século XX. Cardijn é assim descrito pelo Papa Paulo VI: «Joseph Léon Cardijn foi um dos homens que mais trabalhou neste século, pela Igreja e pelas almas»<sup>1</sup>, sendo um dos grandes lutadores a favor da classe operária e incansável defensor do movimento operário contemporâneo.

As linhas que se seguem pretendem expressar um pouco do que foi a vida e acção deste homem, um homem crente que soube entender que, para se anunciar Cristo, temos que fazer como Ele fez: encarnar na realidade, na vida dos pobres e daqueles que passam necessidades. Por este motivo, Cardijn foi um verdadeiro Apóstolo de Cristo, que deu ao Mundo um testemunho de fé, verdadeiro e autêntico, conforme o mandato do Mestre: «Ide e ensinai todos os povos» (Mt 28,19). Sendo fiel a tal mandato, Joseph Léon Cardijn marcou positivamente a história da Igreja e a história do Mundo.

Cardijn proclamou uma mensagem, a mensagem de Cristo. Mensagem de amor e fraternidade. Apresentou-nos também um método: Ver, Julgar e Agir. Este método mantém a actualidade no trabalho de evangelização dos homens de hoje, porque se apresenta como um método de corresponsabilidade e de abertura ao irmão e a Deus.

Esta dissertação encontra-se dividida em três partes: na primeira parte apresenta-se uma pequena biografia de Joseph Léon Cardijn, assim como uma breve

---

<sup>1</sup> Paulo VI, papa, Consistório secreto de Entrega das insígnias cardinalícias durante a solene concelebração litúrgica, de 25 de Fevereiro de 1965.

contextualização histórico-cultural da sua época. Na segunda parte, procurámos apresentar o método de Cardijn e o seu pensamento teológico-espiritual. Na terceira parte, apresentamos o método de Joseph Cardijn aplicado numa situação concreta: A Acção Católica Rural, analisando a sua inserção e acção no território português.

Joseph Cardijn deixou-nos um desafio dizendo que cada homem deve agarrar a sua vida nas mãos, procurando fazer dela algo valioso e frutuoso, trabalhando na construção da civilização do amor.

# Capítulo I

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL: CARDIJN E O MOVIMENTO DA ACÇÃO CATÓLICA

Neste capítulo, vamos fazer uma breve resenha histórica e biográfica acerca de Joseph Léon Cardijn, no intuito de dar a conhecer um pouco, quem foi este sacerdote belga, grande obreiro da evangelização do mundo operário, onde nasceu, a sua caminhada de fé, o seu carisma e a sua ação. Vamos em seguida procurar fazer uma pequena análise histórica com o fim de conhecer o tempo de Cardijn, procurando ver como se caracteriza. Analisando o período que se intitula de modernidade, marcado pela grande revolução intelectual, científica e tecnológica.

### 1. Cardijn: novas luzes para uma nova Europa

Ao longo deste ponto vamos apresentar a biografia de Joseph Léon Cardijn. Apresentamos a sua vida, que foi um longo caminho de fé e de trabalho em prol do mundo operário. Vendo como ele procurou responder e trabalhar em favor das classes oprimidas pelo mundo da indústria.

#### 1.1. *A vida de Joseph Léon Cardijn*<sup>2</sup>

A vida de Joseph Léon Cardijn foi um longo caminho de fé e de trabalho em prol do mundo operário.

##### 1.1.1. *A infância*

Tudo começa em Schaerbeek, Bélgica, a 13 de Novembro de 1882, quando nasceu Joseph Cardijn, no seio de uma família de classe operária. A família era composta por Henricus Hieronimus Cardijn e por Louisa Maria Ester Van Dalen, pais de Joseph Cardijn, e pelos seus filhos, Joseph Cardijn, Jeanne Cardijn, Victor Cardijn e Charles Cardijn<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. FIEVEZ, Margueritte; MEERT, Jacques – *Cardijn*. Lisboa, Porto: EDOC - Edições Operárias Cristãs, 1982.

<sup>3</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 17.

Pouco depois de Joseph Cardijn nascer, os seus pais migram para Bruxelas, para trabalharem numa casa burguesa, o pai como guarda e jardineiro e a mãe como empregada de limpeza e cozinheira. Joseph Cardijn fica à guarda de uma tia, em Hall. O trabalho dos pais era duro e exigente, mas pelo menos tinham o suficiente para comer e conseguiram, desta forma, melhorar a sua vida e arranjar algumas poupanças. Estiveram ao serviço desse patrão durante alguns anos, ao fim dos quais regressaram a Hall, já Joseph Cardijn tinha 5/6 anos. Henricus Hieronimus Cardijn abre um comércio de carvão, um trabalho duro e exigente. Henricus andava sempre sujo, de calças rotas e pouco apresentável, pois andava sempre a carregar sacos de carvão. Contudo, tinha uma vida independente, não dependia de um patrão, e podia viver em Hall na sua casa com a sua família, na sua terra, no seu bairro, numa vivência familiar unida e norteada pela doutrina católica o que, aliás, era comum às famílias pobres de sua época. Esta vivência, marcou Joseph Cardijn desde o berço.

O ambiente do bairro em que a família Cardijn vivia era escuro, quase negro, particularmente no Inverno quando as densas nuvens não deixavam passar os raios de sol, o que dava uma cor cinza escura a todo o bairro. As ruas eram largas, húmidas e escorregadias. Nelas viviam carpinteiros, forjadores, torneiros, comerciantes de carvão e uma multidão de operários. Todas as manhãs, bem cedo, o bairro vivia uma característica particular, a grande azáfama dos operários caminhando em grandes grupos até às fábricas. Nas redondezas de Hall estavam instaladas fábricas de papel, de gelados, fundições e fábricas de seda artificial. Dentro deste corropio de gente via-se de tudo: homens, mulheres, jovens e crianças, estas que muitas vezes era necessário empurrar para as fazer caminhar até às fábricas<sup>4</sup>. Foi neste meio, descrito pelo próprio Cardijn, que ele cresceu. Diz Cardijn:

«vêmo-los ainda – como esquecê-los – estes rapazes enfezados que, nos belos fins de tarde de Verão, nós encontrávamos por volta das 6 horas, nos acessos duma cidade industrial. Regressávamos, descontraídos, dum agradável passeio pelas margens do rio Meuse. Eles, de rosto pálido exaustos, com uma pequena marmita na mão esquerda, apressavam o passo em direcção à fábrica onde trabalhavam»<sup>5</sup>.

Joseph Cardijn, um jovem rapaz, esperto e curioso, foi crescendo, e com ele foi crescendo também a vocação sacerdotal e o desejo de fazer algo por aquela multidão, pois todas estas imagens e contactos o faziam meditar e iniciaram nele o gérmen do seu

---

<sup>4</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 19.

<sup>5</sup> FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 20.

pensar e da sua acção futura. Estes contactos vão ajudá-lo a descobrir a sua vocação<sup>6</sup>: anunciar Cristo no meio da massa operária. Crescendo neste meio, ao chegar à adolescência, Cardijn foi-se apercebendo da miséria em que tanta gente vivia e sente, dentro dele, a vontade e a necessidade de fazer algo. Ao terminar o 2º ano de estudos secundários em Hall chega o momento da decisão para o jovem Joseph. Este é um momento importante da sua vida, assim como para todos os companheiros da sua idade. Coloca-se uma importante questão: para onde ir trabalhar?

Os pais de Cardijn trabalham sem descanso, o pai a vender carvão e a mãe numa pequena taberna. Pensam então no futuro de seu filho e começam a falar disso. Apercebendo-se da inquietação dos pais, numa noite, o jovem Joseph, não aguentando mais tudo aquilo, e sentindo-se impelido interiormente por Cristo, comunica aos pais a vontade de continuar a estudar. Pede-lhes que não o obriguem a trabalhar mais e comunica-lhes a vontade de ingressar no seminário. Os pais ficam surpreendidos, mas acolhem a decisão do jovem Joseph e comprometem-se a tudo fazer para que o filho consiga seguir a sua vocação<sup>7</sup>. Tudo é preparado e Joseph ingressa no seminário menor da cidade de Malina, no ano de 1897.

### *1.1.2. O tempo de seminário*

Joseph Léon Cardijn inicia os estudos no seminário e destaca-se no trabalho e na dedicação. Em Malina, toma contacto com outra mentalidade e outra educação. Lê os grandes clássicos das antigas tradições culturais e literárias europeias, da Grécia e de Roma. Toma contacto com os escritos de Victor Hugo e dos românticos. Conhece a escola de Lamennais. Estuda também os grandes autores da filosofia e da cultura, devorando Kant. Interessa-se pelos clássicos flamengos, pela literatura inglesa e russa. Toma contacto com dirigentes de actividades sociais cristãs. Participa na Semana Social de França onde ouve o Padre Ruften e participa nos movimentos de estudantes<sup>8</sup>.

Tudo isto vai alargando os horizontes do jovem Joseph Cardijn que, no fim do primeiro ano em Malina, volta de férias a Hall e ao seu bairro. Agora com 15 anos, pensa e sonha o reencontro com os seus amigos e companheiros, os jovens do bairro, com quem havia crescido. Mas ao chegar tudo parece mudado. Os amigos e companheiros de outrora, já não o viam como amigo. É um reencontro terrível. Na sua

---

<sup>6</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 20-21.

<sup>7</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 22-23.

<sup>8</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 25-26.

terra diziam: “ele foi por outro caminho”, “já não é dos nossos”. O Joseph tinha-se tornado num “padrezinho”, daqueles que não compreendem os operários. Em Hall tudo estava diferente. Os seus companheiros eram agora operários fabris, iguais a tantos que em pequeno ele via caminhando rumo à fábrica. Eles viviam debaixo da pressão proletária, da exploração e desumanidade do mundo industrial e todos os dias lutavam para sobreviver. Joseph Cardijn deixa de ser conhecido como até então, “o filho do vendedor de carvão”, e passa a ser chamado de “o seminarista” ou o “padrezinho”. Passou a ser visto como o futuro padre, igual a todos os outros padres que só lidam com os patrões e com as chefias e que nem sequer ligam aos trabalhadores. Isto foi um enorme golpe na sua vida, tendo sido os próprios amigos a dizerem-lhe aquilo. Este choque marcou profundamente a vida do jovem Cardijn que, a partir daquele Verão, assumiu o propósito de, como padre, devolver aos seus, a classe operária e aos jovens trabalhadores, tudo o que deles recebeu<sup>9</sup>.

Desde aquele Verão, a vida de Joseph Cardijn, mudou completamente. A partir de então, ele tornou-se ainda mais entusiasmado, dinâmico e trabalhador. A reacção dos seus companheiros não lhe foi indiferente. Ele tomou o propósito de ser um padre diferente. Não só para as chefias, mas também e principalmente para os trabalhadores.

Passados alguns anos, quando estava a terminar os estudos de filosofia, é chamado a casa. Seu pai adoecera e jazia no leito de morte. A morte do pai abala profundamente Cardijn, levando-o a tomar a derradeira decisão e a jurar consagrar toda sua vida à classe operária, compromisso que ele cumpriu até ao fim dos seus dias<sup>10</sup>.

Após a morte do pai, inicia a sua formação no seminário maior. Os anos que aí passa são anos de aprofundamento da fé no silêncio do coração, na oração e no estudo. Aí vai reflectindo sobre as descobertas anteriores que ele confronta com o Evangelho e a teologia.

### *1.1.3. Ordenação presbiteral e início do ministério*

Joseph Cardijn conclui a formação do seminário maior no ano de 1906. É ordenado presbítero no mesmo ano pelo Mons. Mercier que pensa enviar Cardijn para estudar filosofia. Contudo, Joseph Cardijn não aceita e pede ao bispo que o deixe ir

---

<sup>9</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 27-28.

<sup>10</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 28.

estudar Sociologia. Mons. Mercier aceita e Cardijn inscreve-se no Instituto de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Lovaina<sup>11</sup>.

Em Lovaina, encontra-se e torna-se próximo de Victor Brants, professor de economia política, que se torna um verdadeiro mestre para Joseph Cardijn<sup>12</sup>.

Na sequência do apelo de Leão XIII, em relação à questão operária e à acção e intervenção social da Igreja e sendo Victor Brants muito sensível a estas questões, tinha criado uma escola de ciências políticas e sociais onde se leccionava um curso de economia social, focado na relação com a questão operária. Foi através deste curso que conheceu e privou com Victor Brants. Joseph Cardijn é um aluno interessado e aplicado, e o professor Victor Brants, ao aperceber-se de tal, procura ajudá-lo concedendo-lhe uma bolsa de investigação. Através dela, Cardijn, faz um estudo alargado, a nível europeu, sobre a classe operária. Toma contacto com as organizações sindicais inglesas e procura conhecer os movimentos católicos no campo social, principalmente a nível juvenil. Após ter concluído a sua formação em Lovaina, o bispo nomeia-o para leccionar no colégio de Basse-Waver, onde passa uns longos cinco anos a ensinar.

#### *1.1.4. A paróquia de Laeken*

Em 1912, foi nomeado como coadjutor para a paróquia de Laeken<sup>13</sup>, nos arredores de Bruxelas, paróquia com perto de 25.000 habitantes. Tinha então trinta anos. A sua primeira preocupação foi conhecer a gente à qual tinha sido enviado. Começa por entrar em contacto com os mais pobres, os quais eram normalmente deixados de parte pelos padres. Uma das suas primeiras acções foi simples: de manhã, bem cedo, à hora que os operários se deslocavam para as fábricas, Cardijn ia ao seu encontro e, passando pelos operários, cumprimentava-os e saudava-os com amizade. Começa a conhecer as gentes e estas a conhecê-lo e, assim, vai entrando nas suas vidas. Também nas missas e na celebração dos sacramentos a acção de Cardijn se faz notar pela sua simplicidade e pelo falar diferente. Bem depressa muitos o escutam na missa a que preside e quando está no confessionário muitos a este acorrem. Cardijn a todos procura conduzir a uma vivência verdadeira e autêntica da fé<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 32.

<sup>12</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 33- 36.

<sup>13</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 39-40.

<sup>14</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 41-46.

Em Laeken, inicia a sua obra pastoral entre os jovens operários. É nesta paróquia que ele inicia a sua grande missão de trabalho com o mundo operário. É aqui que ele começa a pôr em prática a pedagogia e a metodologia do que virá a ser designado como a revisão de vida.

Em Agosto de 1914, o exército alemão invade a Bélgica que fica sob domínio germânico durante uns longos quatro anos. Perante esta situação, surgem novas necessidades em Laeken, às quais Cardijn procura dar resposta<sup>15</sup>. Procura apoiar as famílias dos combatentes, distribui comida e água, roupa e combustível. A par disto, toma parte na oposição aos invasores e levanta a voz em favor da paz. Estando o território Belga sob domínio estrangeiro, Cardijn é nomeado director de diversas Obras Sociais de Bruxelas e capelão dos sindicatos cristãos em 1915, cargos que ele exerce juntamente com as funções que já tinha.

#### *1.1.5. A prisão*

A 6 de Dezembro 1916 é preso em Laeken por uma patrulha militar e no dia 7 comparece, juntamente com mais 25 detidos, perante um tribunal militar. É condenado a treze meses de prisão e a pagar uma multa de 150 marcos. Passa este tempo de prisão em S. Gilles. O tempo de prisão torna-se um tempo frutuoso durante o qual Cardijn organiza os seus pensamentos. Faz uma leitura atenta e demorada da Bíblia, torna a ler obras sobre o mundo operário, como “O Capital” de Karl Marx. A par disto continua a sua reflexão sobre a situação dos jovens trabalhadores. É durante o período de prisão que redige um escrito onde, numa atitude e manifestação de fé, se insurge contra a guerra e enaltece o valor dos homens humildes, homens de grandeza e heroísmo. Estando já convencido que vai ser transferido para a Alemanha, é libertado a 15 de Junho de 1917 e regressa a Laeken onde retoma as suas funções. Contudo, volta a ser preso a 23 de Junho de 1918, sendo condenado a dez anos de trabalhos forçados, pena que não cumpre uma vez que as forças alemãs se retiram do território belga fruto do armistício que conduzirá ao fim da primeira guerra mundial<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 48-52.

<sup>16</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Edições Loyola, 1997, vol. 4, pp. 128-140.

### 1.1.6. *Regresso a Laeken*

Regressa à sua missão e, em 1919, agrupa os jovens da chamada Juventude Sindicalista que se tornaria, em 1924, a Juventude Operária Cristã (JOC). Ele reúne um pequeno grupo de operários. Este grupo tem como grande objectivo ser um grupo de formação, afim de formar chefes e líderes operários. Cria um círculo de estudos com os trabalhadores e nele reflectiam-se temas importantes para o meio operário. As principais temáticas prendiam-se com a questão social; a missão social de Igreja, o direito, o sentido social, o assalariado, a organização sindical, a ideia de cooperativa e ainda outros temas<sup>17</sup>.

Em 1920, realiza-se a primeira jornada de estudos da juventude operária que reúne cerca de quarenta jovens, sob a presidência de Jan Schellekens. Nasce a Juventude Sindicalista<sup>18</sup> que irá trabalhar em favor da promoção dos jovens operários. Nestes primeiros anos, entre 1920 e 1925, por iniciativa de Cardijn, realizam-se as Semanas Sociais destinadas a universitários católicos organizadas por um grupo de estudantes e que procuram analisar a realidade do mundo operário. Nestas semanas sociais, os universitários entram em contacto com os problemas dos operários e com a doutrina social da Igreja, em particular com a Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, publicada a 15 de Maio de 1891. Destas semanas sociais surge a ideia de fazer um inquérito que ajudasse a compreender a situação concreta dos jovens operários, composto por quinhentas perguntas. O inquérito tinha por finalidade uma busca sistemática dos problemas operários a fim de se conseguir dar uma resposta programada e frutuosa às necessidades surgidas. O inquérito pode ser resumido nas seguintes questões: “Que profissão escolheste?”, “Trabalhas numa oficina ou em casa?; “Em que oficina?”; “Alguém te aconselhou quanto à escolha da profissão?”; “Já mudaste de trabalho?”; “E de oficina?”; “Quantas vezes?”; “Quais os motivos?”.

Este inquérito, juntamente com a experiência do vigário de Laeken, deu origem ao programa de base “Programa geral da JOC” que foi redigido por iniciativa de Joseph Cardijn e adoptado como modelo de acção em 1925<sup>19</sup>. O método de Joseph Cardijn, o método jocista, de inquérito e revisão da vida, fica definido na sua base e no essencial. Depois disto vai sendo aplicado a situações concretas, mas seguindo sempre as mesmas bases orgânicas. Mais a frente iremos expor em pormenor o método.

---

<sup>17</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 54-55.

<sup>18</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 67.

<sup>19</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 70-73.

No meio de todo o trabalho apostólico em que estava envolvido, Cardijn é confrontado por uma notícia dolorosa: a morte de sua querida mãe, Louisa Maria Ester Van Dalen, que tinha sido o seu grande apoio nos últimos anos<sup>20</sup>. Estamos no ano de 1923.

#### 1.1.7. O nascimento da JOC

Cardijn vai recuperando da perda da mãe e, em 1925, chega a um marco na sua vida e na vida da JOC. Falamos do primeiro grande congresso da Juventude Operária, o Congresso Jocista de 18 de Abril de 1925, que é considerado como o momento oficial do nascimento da JOC. Nele são assumidos dois propósitos principais: o primeiro é o combate em favor dos jovens trabalhadores, a fim de os libertar das prisões em que estavam, ajudando na sua humanização; o segundo é o de anunciar Cristo ao mundo operário, sendo a JOC testemunha, no meio operário, da presença libertadora de Jesus e do projecto de amor pelos homens<sup>21</sup>. Neste congresso é redigido o “Manual da JOC” que se torna na constituição ou carta de intenções do movimento jocista. É organizada a JOC masculina e a JOCF feminina. O movimento alarga-se e cresce cada vez mais. Alargam-se os horizontes. O movimento ultrapassa as fronteiras e alastra por toda a Europa, nascendo núcleos jocistas na Suíça, Espanha, Portugal, Holanda, Inglaterra, Croácia, Hungria, Lituânia e também no Canadá. Surge então a necessidade de uma estrutura central na JOC que a torne mais operante e que seja capaz de responder às necessidades crescentes do movimento. Esta estrutura é um pedido explícito dos participantes do encontro dos assistentes da JOC em 1931, que pedem a criação de um centro internacional de documentação e de informação ao serviço da JOC<sup>22</sup>. Assim surge a Central Jocista, onde se procura articular toda a vida do movimento da JOC.

O congresso e a sessão internacional de 1935 constituem um passo marcante na vida de Joseph Cardijn e da JOC. Este congresso leva o movimento a uma nova fase, uma fase marcada pelo aprofundamento e pela formação dos militantes de base<sup>23</sup>. A partir do congresso de 1935, o método e a pedagogia “Ver, Julgar e Agir”, clarifica-se através da acção de Cardijn que, de maneira enérgica e apaixonada, o procura transmitir, com a alegria de seguir a Cristo e a importância de encarnar o Evangelho na vida. Esta

---

<sup>20</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 73-74.

<sup>21</sup> Cf. AUBERT, Roger – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*. Palheira, Assafarge: Gráfica de Coimbra, 1999, p. 87.

<sup>22</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 113-118.

<sup>23</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 151.

clarificação tem também o contributo de dois colaboradores próximos do Padre Joseph Cardijn, o Padre Kothen e Emilie Arnuold. Eles começam a reunir e a passar a escrito as experiências vividas por aqueles que acolheram o método “Ver, Julgar e Agir” na sua vida. Nestas publicações surgem alguns termos e palavras chave para a vida do movimento da JOC, termos que, a partir de então, começam a entrar e a deixar a sua marca, tais como: “Revisão de vida”, “trabalho em equipa”, “descoberta do evangelho”, “inquérito-campanha”<sup>24</sup>.

Após o grande congresso de 1935, o método espalha-se e surgem grupos de operários cristãos por toda a Europa, pela América e também por outros cantos do Mundo. Esta é uma fase de crescimento e de grande proliferação do método e da JOC. Contudo, o cenário político na Europa muda e, com ele, a missão de Joseph Cardijn sofre um grande abalo. Falamos das ofensivas das tropas de Adolf Hitler e do Terceiro Reich, que abalam toda a Europa. Entramos numa atmosfera de tormenta, e é nesta atmosfera que a JOC tem um novo impulso, desta vez por vontade e encorajamento do Papa Pio XII, que convida a JOC para uma grande peregrinação jocista à cidade de Roma. A peregrinação estava marcada para o ano de 1939, sendo convocada como a Peregrinação da Paz. Contudo, o estalar da guerra impede a sua realização.

#### *1.1.8. A II Grande Guerra*

A II Grande Guerra inicia-se no ano de 1939, quando o exército do Terceiro Reich invade a Polónia. No mês de Maio de 1940 dá-se a invasão da Bélgica. Com a invasão, milhares de fugitivos refugiam-se na Central Jocista. Joseph Cardijn vê-se obrigado a fugir e, quinze dias após a invasão, refugia-se em França. Toma a decisão de acompanhar os refugiados belgas, delegando a assistência nacional da JOC ao Padre Boone, então assistente da JOC de Bruxelas. Em França, estabelece residência em Toulouse e aí instala o “quartel-general” da JOC. Nesta cidade Joseph Cardijn faz ouvir a sua voz, fazendo vários apelos em favor da paz e da fraternidade e levantando também a voz em favor dos seus compatriotas que sofrem. O exílio de milhares de belgas termina em Setembro.

Contudo, a Bélgica está diferente, o período de guerra e invasão fazem regressar o território Belga a algo semelhante aos longínquos anos do início do século<sup>25</sup>, encontrando-se então sob domínio germânico. Com tudo isto, a vida de Joseph Cardijn

---

<sup>24</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 151.

<sup>25</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 169-170.

transforma-se, e com ela, a JOC. Agora toda a sua acção tem que ser em silêncio, na clandestinidade. A sua acção passa agora pela organização de meios e serviços que ajudem os jovens trabalhadores obrigados a trabalhar para os alemães, pelo apoio aos judeus e pela formação e acompanhamento dos responsáveis e dirigentes dos grupos jocistas, ajudando-os e orientando-os em Cristo. A par disto, Joseph Cardijn entra na luta contra a ideologia nacional-socialista do Terceiro Reich que tinha por fim o controle de toda a vida da sociedade<sup>26</sup>.

Exercendo o seu ministério na clandestinidade, ele é preso, juntamente com vários dirigentes da JOC, pela Gestapo<sup>27</sup>, sendo interrogado a 11 de Junho 1940. Esta sua segunda estadia no cárcere vai durar até Setembro de 1942, altura em que é libertado. Quando é libertado retoma o seu ministério. Uma das primeiras iniciativas que promove é o Congresso Nacional de Libertação e os congressos regionais os quais reúnem, por toda a Bélgica, mais de 300.000 jovens, rapazes e raparigas que aderem à juventude trabalhadora<sup>28</sup>.

#### *1.1.9. O alvor do método*

Passam alguns anos e chegamos ao ano de 1945, ano em que a JOC e o método de Cardijn se espalham com um novo ardor pela Europa e por todo o mundo. Agora os horizontes do padre Joseph Cardijn alargam-se ainda mais, a partir de agora ele trabalha e vive já não só a partir da Bélgica, mas de todo o mundo. O seu método difunde-se e surgem grupos de jovens operários jocistas um pouco por todo o mundo<sup>29</sup>. Como consequência, Cardijn realiza um conjunto de viagens intercontinentais. Nelas procura sempre o anúncio de Cristo e a promoção da classe operária. Ao todo, realiza vinte e quatro viagens<sup>30</sup>, todas elas preparadas ao mínimo detalhe, sendo o objectivo chegar aos jovens e quer levá-los ao encontro com Cristo.

Assim, Cardijn foi trabalhando sempre com grande entusiasmo e disposto a ir ao encontro do outro, com um objectivo simples de descobrir a vida concreta e procurar trazer algo de bom para ela. Foi envolvido na sua missão, no meio de grande esforço e alegria que, no ano de 1950, recebeu a notícia da nomeação episcopal por parte do papa Pio XII.

---

<sup>26</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, p. 170.

<sup>27</sup> Acrónimo em alemão de *Geheime Staatspolizei*, significando "Policia Secreta do Estado".

<sup>28</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 182-183.

<sup>29</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 189-210.

<sup>30</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 211-234.

Passa os dez anos seguintes a trabalhar em prol das classes operárias e trabalhadoras, prosseguindo na sua missão de anunciador de Cristo. É nesta alegria que vê chegar ao papado João XXIII, Angelo Giuseppe Roncalli, com quem Cardijn trabalha e colabora, principalmente na redacção da encíclica *Mater et Magistra*, documento que é inspirado no pensamento e na acção de Joseph Cardijn<sup>31</sup>. Este documento é publicado a 15 de Maio de 1961, no septuagésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum* e no terceiro ano do pontificado de João XXIII.

#### *1.1.10. O Concílio Vaticano II*

A 25 de Dezembro de 1961, João XXIII convoca um concílio ecuménico para a Basílica vaticana, pela promulgação da bula *Humanae salutis*. O concílio inicia-se no dia 11 de Outubro de 1962 e decorre em quatro sessões, terminando a 8 de Dezembro de 1965, no pontificado de Paulo VI. Joseph Cardijn participa, já octogenário, no Concílio Ecuménico Vaticano II, inicialmente como perito.

No entanto, a 22 de Fevereiro de 1965, é nomeado cardeal pelo papa Paulo VI, assumindo o título de Cardeal-Diácono de São Miguel Arcanjo, recebendo o barrete cardinalício em 25 de Fevereiro de 1965. A partir de então, participa na fase final do concílio como padre conciliar, ajudando na reflexão sobre o lugar dos leigos no seio da Igreja e do Mundo<sup>32</sup>.

#### *1.1.11. A última missão*

Desde 1959 que Joseph Cardijn tinha tomado consciência da sua nova missão, embora já não com trabalhadores e grandes multidões. O agora ancião, com oitenta anos de idade, acolhe e assume a vocação do silêncio e da solidão<sup>33</sup>. Assim vive até ao dia 24 de Julho de 1967, dia em que, com oitenta e quatro anos, parte para a casa do Pai, tendo sido sepultado na Paróquia de Nossa Senhora de Laeken, em Bruxelas.

### **1.2. Uma Europa em mudança**

Neste ponto, vamos fazer uma breve abordagem histórica acerca do continente Europeu no tempo de Joseph Leon Cardijn. Sabe-se que o século XIX e inícios do

---

<sup>31</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 235-237.

<sup>32</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 250-253.

<sup>33</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 263-286.

século XX foram um tempo de grandes mudanças a vários níveis, na Filosofia, na Ciência, na Técnica, no Humanismo, na Política e também na Igreja.

### 1.2.1. *A modernidade, novo modo de pensar*

Com o objectivo de melhor se entender tudo o que se desenvolveu nesta fase da história (séc. XIX e XX) impõe-se que se recue no tempo - fim da chamada Idade Média e inícios da época moderna. A sociedade medieval era composta por uma organização social e cultural onde a fé cristã era o elemento aglutinador. A partir do fim deste período, com o Renascimento, inicia-se um processo de rupturas e cisões, as quais vão conduzir às várias correntes de pensamento e às diversas posições políticas anticristãs que marcaram esta nova fase histórica<sup>34</sup>. Falamos da “Modernidade”. Esta nova fase da história humana está marcada por três palavras-chave: Liberalismo, Nacionalismo e Socialismo<sup>35</sup>.

Liberalismo: «Doutrina político-económica que considera a vontade individual como o fundamento das relações sociais»<sup>36</sup>. Esta doutrina defende as liberdades individuais face ao Estado, devendo a acção deste ser limitada.

Nacionalismo: «Doutrina política que confere à nação um valor absoluto»<sup>37</sup>. Esta doutrina defende a supremacia de um povo ou nação sobre os demais.

Socialismo: termo que designa várias doutrinas políticas, tais como o socialismo de Marx, de Saint-Simon, de Fourier. «Todas estas doutrinas têm como ponto comum uma proposta de mudança da organização económica e política da sociedade»<sup>38</sup>.

O início desta nova fase da história é marcado pelo surgimento e desenvolvimento do Iluminismo ou Ilustração<sup>39</sup>, um movimento pluriforme, que tinha como finalidade alargar a “liberdade” a todos os campos da vida social e individual, procurando abater o princípio da autoridade, de modo a libertar todos os homens, a ela submetidos, da ignorância e dos preconceitos, levando à emancipação intelectual e depois política. Este movimento é profundamente marcado pela confiança total no

---

<sup>34</sup> Cf. PINTO, António Vaz – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*. Braga: Editorial A.O., 1996, pp. 15-16.

<sup>35</sup> Cf. TOUCHARD, Jean – *História das Ideias Políticas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970, vol. 5, p. 79.

<sup>36</sup> ANTUNES, Alberto; ESTANQUEIRO, António; VIDIGAL, Mário – *Dicionário Breve de Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 102.

<sup>37</sup> ANTUNES – *Dicionário Breve de Filosofia*, p. 117.

<sup>38</sup> ANTUNES – *Dicionário Breve de Filosofia*, p. 154.

<sup>39</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1991, pp. 12-14.

Homem, na razão. Caracterizando-se «pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma»<sup>40</sup>, reivindicando a igualdade entre todas as pessoas e defendendo a existência de uma autoridade central que garanta essa igualdade.

Este movimento começa a desenvolver-se ao longo do século XVII e atinge o seu auge no século XVIII. É um movimento de grande desenvolvimento intelectual e artístico, «é caracterizado pela confiança plena na capacidade da razão para desfazer as névoas do desconhecido e do mistério, que estorvam e obscurecem o espírito humano, e de tornar melhores e mais felizes os homens, iluminando-os e instruindo-os»<sup>41</sup>. No Iluminismo sobressaem os conceitos de razão e luz, os quais tiveram por base as grandes correntes de pensamento do Empirismo e do Racionalismo.

#### 1.2.1.1. O Empirismo<sup>42</sup>

Esta corrente de pensamento coloca a experiência como única base de conhecimento. Newton, um dos seus expoentes, mostra o universo como um mecanismo regulado pela força da atracção das partes. O Empirismo segue a célebre divisa de que: nada está no pensamento que primeiro não tenha estado nos sentidos. Isto é, para os empiristas o conhecimento verdadeiro advém da experiência sensorial que se tem do objecto. Como defendeu John Locke, não há princípios inatos na nossa mente. «Todo o material do nosso pensamento é fornecido pelas nossas observações, as que fazemos sobre o mundo dos objectos exteriores e as que fazemos sobre as operações internas da nossa alma»<sup>43</sup>. O filósofo defende esta afirmação no *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, publicado no ano de 1690. Contudo, é com David Hume que o empirismo atinge a sua plenitude enquanto crítica do racionalismo, através das obras: *Investigações sobre o entendimento humano*, publicada em 1748 e *Tratado da natureza humana*, publicada cerca de 1739. David Hume defende que:

«todos os materiais do pensamento derivam de nossas sensações externas ou internas; mas a mistura e composição deles dependem do espírito e da vontade. Ou melhor, para

---

<sup>40</sup> ANTUNES – *Dicionário Breve de Filosofia*, p. 84.

<sup>41</sup> BRAGA, G. Capone – *Iluminismo*. In *Enciclopedia di Filosofia*. Firenze: Ed. Gallarate, 1982, vol. 4, p. 434.

<sup>42</sup> Cf. GRIGORIEFF, Vladimir - *Manual Básico de Filosofia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1983, p. 189-191. ANTUNES – *Dicionário Breve de Filosofia*, p. 59.

<sup>43</sup> LOCKE, John – *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, pp. 37-39.

expressar-me em linguagem filosófica: todas as nossas ideias ou percepções mais fracas são cópias de nossas impressões ou percepções mais vivas»<sup>44</sup>.

Em suma os pensadores empiristas falam da realidade como sendo tudo uma questão de impressões, de sensações, de ideias e de crenças. Os grandes expoentes desta corrente de pensamento foram Galileu, Hobbes e Newton.

#### 1.2.1.2. O Racionalismo<sup>45</sup>

Esta corrente de pensamento assentava na máxima que afirma que a única fonte de conhecimento é a razão, que tudo domina. E funda-se no princípio da identidade essencial entre o pensamento e o ser, entre a razão e a realidade. Isto é, para os racionalistas só a razão é que tem força real e verdadeira e só ela é que permite ao ser humano alcançar um conhecimento verdadeiro. Nesta corrente destaca-se Descartes.

#### 1.2.2 Da revolução francesa de 1789 ao Liberalismo

« “O processo histórico que se desenvolveu no Ocidente conduziu à destruição do frágil equilíbrio que a sociedade ocidental mantinha”<sup>46</sup>, uma vez que “a Ilustração levou a cabo uma revolução não apenas no que respeita à concepção da subjectividade humana e seus direitos, como também noutro campo, de que se fala menos, das relações entre a sociedade e o Estado»<sup>47</sup>.

Assim nasce uma nova Europa e um novo mundo, o mundo do progresso e do pensamento, pautado por grandes revoluções e pelas grandes publicações, como é o caso da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert, um Mundo que aos poucos se põe à margem de Deus<sup>48</sup>.

Desenvolveram-se então várias reformas e revoluções políticas que tinham na base uma nova concepção de Estado. A mais marcante foi a Revolução francesa de 1789<sup>49</sup>, a qual foi a mais abrangente de todas as revoluções que se desenvolveram na

---

<sup>44</sup> HUME, David – *Investigação sobre o entendimento humano*. Lisboa: Edições 70, [s.d.], pp. 10-11.

<sup>45</sup> Cf. GRIGORIEFF – *Manual Básico de Filosofia*, pp. 173-188. ANTUNES – *Dicionário Breve de Filosofia*, p. 143.

<sup>46</sup> PINHO – *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*, p. 27.

<sup>47</sup> PINHO – *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*, p. 13.

<sup>48</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, pp. 15-17.

<sup>49</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 5, pp. 16-32.

Europa, impulsionadas pela emergente burguesia enriquecida<sup>50</sup>. Com todas estas mudanças e, devido ao grande fermentar de ideias, entramos num século XIX, o qual é marcado pelo Liberalismo, pelo Romantismo, pelo Nacionalismo, pelo Constitucionalismo, pelo Industrialismo e ainda pelo Marxismo<sup>51</sup>.

Foi um novo mundo que surgiu. Este desenvolve-se no pós Revolução Francesa e com a Restauração, tentada, no Congresso de Viena de 1814. Dois acontecimentos que abrem espaço para a implementação do ideário e das políticas do Liberalismo<sup>52</sup>. Com ele o continente europeu, assim como o resto do mundo, foram sofrendo um lento processo de transformação e mudança<sup>53</sup>, uma vez que novos elementos vão entrando em cena.

Estas novas correntes de pensamento triunfam na Europa ocidental, na Alemanha e em Itália, com o nacionalismo. Este fenómeno alarga-se à Europa oriental com as lutas dos eslavos, penetra no oriente sob a influência europeia, com a abertura dos estados do Extremo Oriente ao comércio Ocidental e chega às Américas pelas revoluções liberais, impulsionadas pela Constituição dos Estados Unidos<sup>54</sup>. Com o Liberalismo dá-se uma grande mudança na sociedade, uma vez que a divisão social já não está estruturada em estados, mas em classes, sobretudo duas, a burguesia capitalista, em crescimento acelerado, e o proletariado oprimido.

### *1.2.3 As transformações sociais, a expansão industrial e as suas consequências<sup>55</sup>*

Todas as transformações sociais e políticas do Liberalismo conduziram a uma grande expansão económica<sup>56</sup>, impulsionada pelas grandes riquezas acumuladas nos países colonizados por parte dos colonizadores e pela nova classe que então surgira, a Burguesia. Esta nova classe emerge em contraponto com a antiga aristocracia<sup>57</sup>. Porque a nova distribuição da riqueza implicou também uma nova distribuição de poder. Opera-se então um grande desenvolvimento da economia do mercantilismo que assentava em dois grandes princípios: o Crisoedonismo (mercantilismo), ou seja, a acumulação de

---

<sup>50</sup> Cf. PIERRARD, Pierre – *História da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982, pp. 211-217.

<sup>51</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, pp. 17-18.

<sup>52</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, vol. 3, pp. 11-47.

<sup>53</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 5, pp. 9-38.

<sup>54</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 5, pp. 85-109.

<sup>55</sup> Cf. MARTINA – *História da Igreja de Lutero a nossos dias*, vol. 4, pp. 25-72.

<sup>56</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 5, p. 97.

<sup>57</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 4, pp. 45-47.

ouro e o Colbertismo, o proteccionismo das exportações e da produção industrial. Isto rompeu com o equilíbrio social fundado no feudalismo agrário e no corporativismo artesanal/comercial, o que levou à centralização administrativa e ao desenvolvimento de grandes empreendimentos.

Com esta mudança, a aristocracia, norma geral, mantém os seus privilégios, conservando o seu poderio económico, mas fica mais voltada para o exército e a política. Contudo, o seu campo de acção difere consoante a área geográfica. A par da aristocracia emerge um novo poderio económico, a burguesia, constituída por comerciantes e artesãos que adquirem um grande poder económico. Sendo o burguês proprietário de fábricas, bancos, máquinas e terras, é também esta classe que começa a ser a detentora do poder político nos parlamentos, nos governos e na alta administração. Assim, controlando os meios de produção e de administração, a burguesia assume o poder social<sup>58</sup>.

A nova classe da burguesia assume as rédeas do poder, e assim surgem as reformas burguesas. Destas reformas surgem um conjunto de normas e acções favoráveis à expansão comercial e industrial que permitiram um grande investimento a nível da modernização da agricultura e da indústria, o que conduziu depois à modernização e surgimento da indústria “moderna”. É disto exemplo o aparecimento das grandes explorações de ovinos em Inglaterra.

A grande explosão industrial e o progresso resultante desta grande expansão económica foi, igualmente, impulsionado pelo desenvolvimento científico que teve como grande descoberta a máquina a vapor. Esta descoberta teve um enorme impacto no mundo industrial, com grandes transformações tecnológicas e económicas, com especial relevo para a indústria têxtil, mercantil e dos transportes.

Um dos primeiros factores que impulsionaram a explosão industrial, no fim do século XVIII, foi o alargamento e expansão das vias de comunicação, com os caminhos-de-ferro e as viagens de navegação a vapor<sup>59</sup>, num primeiro momento, e depois com o automóvel. Este foi um factor e uma estrutura essencial para a industrialização, na medida em que constituiu um investimento de base, a partir do qual tudo o resto se desenvolveu a uma escala nunca antes vista, devido à facilidade de mobilidade das matérias primas e da distribuição dos bens produzidos. Outro factor que impulsionou o grande desenvolvimento industrial foi a possibilidade de uma exploração mais intensiva

---

<sup>58</sup> Cf. TOUCHARD – *História das Ideias Políticas*, vol. 4, pp. 50-65.

<sup>59</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, pp. 22-23.

dos campos, resultante da mecanização e modernização agrária. Esta espalhou-se pela França, pela Alemanha, pela Rússia, E.U.A. e depois pelo resto do mundo.

Temos ainda que destacar outro acontecimento que contribuiu para esta expansão e modernização, a abolição da escravatura. A partir de então, em toda a Europa, a mão-de-obra agrícola passou a trabalhar por um salário ou a cultivar a sua própria propriedade. Isto encorajou os investimentos capitalistas e possibilitou a adopção de novos métodos de cultivo, passando a agricultura a fazer-se com recurso a maquinaria, com o surgir dos primeiros “tractores”, o que levou ao aumento das produções agrícolas que, através do caminho-de-ferro, passaram a chegar às cidades com uma facilidade nunca antes tida.

Verificou-se, nesta altura, uma grande expansão e desenvolvimento económico, os quais tiveram reflexo a nível do desenvolvimento de grandes centros urbanos industriais, uma vez que, em volta das novas fábricas, devido à necessidade de mão-de-obra e à pobreza agrária, desenvolveram-se grandes núcleos habitacionais<sup>60</sup>. Este factor aumentou grandemente a mão-de-obra, o que levou a que as pessoas que se aglomeravam nesses centros se vissem forçadas a aceitar qualquer tipo de trabalho, com qualquer remuneração e em condições muito precárias e de grande pauperismo, como nos é descrito pelo papa Leão XIII na *Rerum Novarum*:

«A violência das revoluções políticas dividiu o corpo social em duas classes e cavou entre elas um imenso abismo. Dum lado, a onnipotência na opulência: uma facção que, senhora absoluta da indústria e do comércio, desvia o curso das riquezas e faz correr para o seu lado todos os mananciais; facção que aliás tem na sua mão mais dum motor da administração pública. Do outro, a fraqueza na indigência: uma multidão com a alma dilacerada, sempre pronta para a desordem»<sup>61</sup>.

Neste clima, «tanto na França como na Bélgica, na Renânia, na Itália, na Espanha ou nos países não católicos (Luteranos e Ortodoxos), a massa dos operários da grande indústria estava submetida a uma verdadeira escravidão»<sup>62</sup>, marcada por horários longos de trabalho que, por vezes, chegavam às 14 ou 17 horas diárias, por trabalhos duros e repetitivos ao longo de grandes períodos de tempo e por um recrutamento indiscriminado de pessoas: homens, mulheres e crianças.

O que interessava era a produção e a obtenção de lucro, o que levava a que a vida dos trabalhadores estivesse pautada pela falta de condições de segurança e de

---

<sup>60</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, p. 18.

<sup>61</sup> LEÃO XIII – Encíclica *Rerum Novarum*. In *Acta Leonis XIII* 11 (1891) 97-148.

<sup>62</sup> PIERRARD – *História da Igreja*, p. 244.

protecção, quer no trabalho, quer na doença, e também na velhice. Com tudo isto, as famílias desagregaram-se. Com ambos os progenitores a trabalhar, decresceu o número de filhos e os pais deixaram de ter possibilidade de ter para com os mesmos um acompanhamento próximo e continuado. A isto juntava-se ainda os salários baixos, muitas vezes insuficientes para o sustento familiar. Assim, tornou-se preferível ter menos filhos. Da parte de muitos governos surgem mesmo medidas de controlo da natalidade, como as medidas malthusianas<sup>63</sup>. Durkheim<sup>64</sup>, intitulou, e bem, esta realidade como um “imenso grito de dor”.

Tudo conduziu ao acelerar do surgimento e da elaboração de doutrinas novas que tinham em vista uma reforma radical da organização da sociedade, onde se destaca o Marxismo<sup>65</sup>. Uma das figuras principais destas novas doutrinas foi Karl Marx<sup>66</sup>. Estas novas correntes viam o cristianismo, mais particularmente o catolicismo, como algo que era incapaz de dar resposta à questão social, vendo a Igreja como o obstáculo básico à emancipação da classe operária<sup>67</sup>, o que coloca o mundo ocidental, de raiz cristã, separado da Igreja e longe da ideia de Deus<sup>68</sup>.

O Ocidente, principalmente a Europa, foi sofrendo assim uma enorme descristianização. Este afastamento do cristianismo, em muitos casos, deveu-se a uma cristianização superficial, não firme, que caracterizava muito a sociedade de então. Isto conduziu ao desaparecimento daquilo a que se pode chamar de “cristianismo de fachada”, em que muitos viviam. Neste, era-se cristão porque toda a sociedade o era. Com este afastamento e abandono do cristianismo, por parte de muitos, deu-se uma paganização dos costumes e mentalidades, principalmente nas áreas onde a Igreja foi sendo colocada de parte, sendo os padres substituídos por notáveis senhores liberais - os

---

<sup>63</sup> Teoria desenvolvida por Thomas Malthus, um clérigo anglicano britânico, que desenvolve uma teoria populacional ao relacionar o crescimento da população com a fome, afirmando a tendência do crescimento populacional em progressão geométrica, e do crescimento da oferta de alimentos em progressão aritmética. Cf. ALVES, José Eustáquio Diniz - *A polémica Malthus versus Condorcet reavaliada à luz da transição demográfica*. <http://sociales.cchs.csic.es/jperez/pags/Teorias/Textos/Diniz2002.pdf> Acedido a 20-03-2017 , 15:00 h.

<sup>64</sup> David Émile Durkheim sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Formalmente, criou a disciplina académica da sociologia e, com Karl Marx e Max Weber, é comumente citado como o principal arquitecto da ciência social moderna e pai da sociologia.

<sup>65</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, p. 19.

<sup>66</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, pp. 45-93.

<sup>67</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, pp. 244-246.

<sup>68</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, p. 19.

mestres-escola - que eram os senhores do saber e do conhecimento<sup>69</sup>. Com esta alteração na vida social, a classe burguesa acabou por se ir dividindo. Por um lado, temos a afirmação de uma burguesia que era a grande detentora do poder, mas que se foi afastando da Igreja e que veio a dar lugar ao jacobinismo - anticlerical e antirreligioso. A outra parte aproximou-se da Igreja. Contudo, esta aproximação deveu-se mais aos interesses económicos e sociais do que a um espírito evangélico convicto. Apesar disto, foi nesta burguesia que se manteve e assegurou a renovação do pensamento cristão católico<sup>70</sup> onde se destacaram M. Sangier, Ozanam assim como as Conferências de S. Vicente de Paulo<sup>71</sup>.

Assim, enquanto da parte das chefias, ainda que não da sua totalidade, se verificava um afastamento da Igreja, os operários maioritariamente mantiveram-se inseridos nesta. Contudo, o mundo fabril foi afastando o operário de Deus, devido à emancipação da sociedade civil em relação à eclesiástica e a afirmação de valores terrenos, fora de todo o condicionamento religioso, o que por vezes foi repressivo, e fez com que a Igreja se encontrasse perante um «mundo» completamente novo. Esta nova situação levou a que a Igreja se fechasse. E assim muitos ficaram de fora, privados de assistência, nomeadamente as periferias.

Em suma, podemos concluir que o abstraccionismo da revolução francesa, aliada ao progresso industrial, conduziu ao individualismo e à miséria do proletariado.

### **1.3. *A Igreja e o mundo operário***

No mundo contemporâneo, com as suas grandes descobertas, sobretudo científicas, nasce a consciência da seriedade intrínseca e, portanto, da autonomia do mundo humano e terreno em relação ao transcendente. Dá-se a emancipação da sociedade civil em relação à eclesiástica e a afirmação de valores terrenos, fora de todo

---

<sup>69</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, pp. 241-242.

<sup>70</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 242.

<sup>71</sup> Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP), também conhecida por Conferências de São Vicente de Paulo ou Conferências Vicentinas, foram fundadas por Antoine Frédéric Ozanam em Paris, no ano de 1833, por um pequeno grupo de estudantes católicos liderados por ele. Da pequena conferência de caridade até os dias de hoje, a Sociedade desenvolveu-se pelo mundo, realizando assim o desejo de seu fundador: «Eu gostaria de envolver o mundo inteiro em uma rede de caridade». Hoje é um movimento católico de leigos que se dedica, sob o influxo da justiça e da caridade, à realização de iniciativas destinadas a aliviar o sofrimento do próximo, em particular dos social e economicamente mais desfavorecidos, mediante o trabalho coordenado de seus membros.

o condicionamento religioso. Tal movimento, por vezes, processa-se num contexto repressivo do Mundo para com a Igreja. Isto faz com que a Igreja se encontre perante um mundo completamente novo: um mundo “encarnado”, concreto e não abstracto, fora da vida das pessoas. Perante isto, a Igreja vê-se forçada a tomar uma nova consciência de si mesma, para conseguir responder aos novos mundos que surgem. Perante este confronto inevitável, a Igreja, reage tentando reconstruir alguns quadros que substituam as velhas estruturas da cristandade como organizações católicas que, mais tarde, vão estar na base dos grandes movimentos laicais, como a Acção Católica. Estes que são marcados por novas experiências pastorais e por uma vida mais fundada na fé e no apostolado<sup>72</sup>.

É aqui que se insere o mundo operário, uma realidade nova que surge e para a qual a Igreja não estava preparada. «O proletariado contemporâneo nasceu e cresceu, como a própria indústria, à margem da Igreja, num contexto essencialmente materialista, e num clima de concorrência implacável»<sup>73</sup>. Este ambiente foi fruto da Revolução Francesa e da expansão industrial que defendeu e promoveu a liberdade de comércio, a não ingerência do Estado e as colectividades e sindicatos. Isto conduziu a que também a Igreja se visse distante deste grande mundo. Porém, ela foi-se aproximando dele pouco a pouco. As primeiras aproximações deveram-se, como já assinalámos, a M. Sangier, Ozanam, e às Conferências de S. Vicente de Paulo, entre outros. Mas a isto temos que juntar a longa série de Encíclicas e textos pontifícios, onde, formalmente, a Igreja procura atender ao grito e às necessidades das populações oprimidas. Entre todas elas, assume um lugar importante a *Rerum Novarum* de Leão XIII. Que foi considerada a carta magna do magistério social da Igreja.

Na *Rerum Novarum* são expostas as questões levantadas durante a revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX, procurando dar-lhes resposta. Leão XIII rejeita o socialismo. Defende os direitos à propriedade privada. Sustenta que os trabalhadores têm o direito de formarem sindicatos. Aborda os temas das relações governativas. Fala dos negócios e do trabalho. A par disto, critica fortemente a falta de princípios éticos e de valores morais na sociedade laicizada. Por fim enuncia alguns princípios a serem usados na procura da justiça social, na economia

---

<sup>72</sup> Cf. SIMÕES, Pedro Jorge Silva – A Espiritualidade da vida oculta de Jesus de Nazaré, pp. 35-36 [Tese de Mestrado].

<sup>73</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 243.

e na indústria, onde se destaca a distribuição da riqueza e a intervenção estatal na economia social em favor dos mais necessitados, principalmente a classe operária<sup>74</sup>.

A encíclica *Rerum Novarum*<sup>75</sup> foi o primeiro grande pronunciamento da Igreja a respeito da classe operária e dos seus problemas. Até então, a Igreja tinha travado uma oposição ideológica cega à modernidade, mas com Leão XIII é assumida uma outra posição, em que a Igreja deixou de estar em oposição com o mundo moderno e passou a uma posição de diálogo com este<sup>76</sup>. Em suma, Leão XIII deu à Igreja novas orientações no que diz respeito à compreensão do lugar e da missão dos leigos no mundo e na Igreja, destacando-se a preocupação pela justiça social das classes trabalhadoras e operárias, exigindo da sociedade o respeito pelo operário, que merece um trabalho digno que lhe possibilite a aquisição de bens para o seu sustento e dos seus.

Após a *Rerum Novarum*, surgem outros textos muito importantes na aproximação entre a Igreja e a sociedade:

- Encíclica *Quadragesimo Anno*<sup>77</sup>, de Pio XI, publicada no ano de 1931. Pio XI pronuncia-se a respeito da restauração e do aperfeiçoamento da ordem e unidade social, em conformidade com a Lei Evangélica, defendendo que esta unidade não se pode basear na luta de classes. Sustenta que a ordem económica não se deve deixar à livre concorrência de forças, uma vez que cairia facilmente no esquecimento de seu próprio carácter social e moral. Defende que é necessário evitar tanto o individualismo como o colectivismo.

- Encíclica *Mater et Magistra*<sup>78</sup>, de João XXIII, publicada no ano 1961. Este escrito de João XXIII foi publicado no início da conturbada década de 1960, no contexto histórico da “Guerra Fria”. João XXIII sentiu a necessidade de actualizar e reafirmar a posição do magistério a respeito das questões sociais. Na encíclica afirma que o trabalho não deve ser considerado como uma mercadoria, mas como expressão directa da pessoa humana, defendendo uma justa remuneração e o valor da propriedade privada. Afirma que a razão de ser de quem governa passa pelo cuidado do bem comum. Defende que as leis do trabalho sejam reguladas segundo a justiça e a liberdade, tendo em conta a necessidade de que os trabalhadores tenham boas condições

---

<sup>74</sup> Cf. PINTO – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*, pp. 18-21.

<sup>75</sup> Cf. LEÃO XIII – Encíclica *Rerum Novarum*. In *Acta Leonis XIII* 11 (1891) 97-148.

<sup>76</sup> Cf. GUTIERREZ, Exequiel R. – *De Leão XIII a João Paulo II: Cem Anos de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995, pp. 5-20.

<sup>77</sup> PIO XI – Encíclica *Quadragesimo Anno*. In *AAS* 23 (1931) 177-228.

<sup>78</sup> Cf. JOÃO XXIII – Encíclica *Mater et Magistra*. In *AAS* 53 (1961) 401-464.

de trabalho. Defende que os operários e patrões devem regular as suas relações a partir da solidariedade e da fraternidade cristã e que os trabalhadores devem ter a liberdade de se organizarem e associarem.

- Encíclica a *Pacem in Terris*<sup>79</sup>, de João XXIII, publicada a 11 de Abril de 1963, a Encíclica da Paz. Esta encíclica realçou o tema da paz e nela o Papa afirma: «As relações entre os Estados devem, além disso, reger-se pelas normas da justiça»<sup>80</sup> Pois «numa convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e vontade livre. Por essa razão, possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria natureza. Trata-se, por conseguinte, de direitos e deveres universais, invioláveis, e inalienáveis»<sup>81</sup> Logo os conflitos entre as nações devem ser resolvidos com negociações e não com as armas. Alicerçados na confiança mútua. Fala também dos problemas das minorias, dos refugiados políticos, do desarmamento e do subdesenvolvimento dos povos.

- Encíclica *Populorum Progressio*<sup>82</sup>, de Paulo VI, publicada em 1967. Que fala sobre a temática da questão social e da relação Igreja-Estado na. A encíclica é dedicada à cooperação entre os povos e ao problema dos países em desenvolvimento. O texto denuncia o agravamento do desequilíbrio entre países ricos e pobres, critica o neocolonialismo e afirma o direito de todos os povos ao bem-estar.

- Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*<sup>83</sup>, de Paulo VI, publicada no ano de 1971. O Papa Paulo VI retoma a temática social. É uma carta apostólica comemorativa dos 80 anos da encíclica *Rerum Novarum*, nela o papa trata sobretudo do compromisso sociopolítico dos cristãos, recordando que os católicos não podem aderir a ideologias opostas aos princípios do Evangelho. Esta carta é um dos documentos básicos da Doutrina Social da Igreja que convida os cristãos a se comprometer na acção em prol de um mundo melhor, afirmando o pluralismo de opções.

- Encíclica *Laborem Exercens*<sup>84</sup>, de João Paulo II, publicada a 16 de Outubro de 1978. Neste escrito João Paulo II fala do trabalho humano e da sua dignidade, afirmando a dignidade da pessoa humana e do trabalho como meio de humanização.

---

<sup>79</sup> Cf. JOÃO XXIII – Encíclica *Pacem in Terris*. In *AAS* 55 (1963) 257-304.

<sup>80</sup> JOÃO XXIII – Encíclica *Pacem in Terris*. In *AAS* 55 (1963) 257-304.

<sup>81</sup> Cf. JOÃO XXIII – Encíclica *Pacem in Terris*. In *AAS* 55 (1963) 257-304.

<sup>82</sup> Cf. PAULO VI – Encíclica *Populorum progressio*. In *AAS* 59 (1967) 257-299.

<sup>83</sup> Cf. PAULO VI – Carta Apostólica *Octogesima adveniens*. In *AAS* 63 (1971) 401-441.

<sup>84</sup> Cf. JOÃO PAULO II – Encíclica *Laborem exercens*. In *AAS* 73 (1981), 583-584

- Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*<sup>85</sup>, de João Paulo II, publicada a 30 de dezembro de 1987. Nesta encíclica João Paulo II recorda a *Rerum Novarum* e a *Populorum Progressio*. Tendo como grande referência o desenvolvimento humano. Defendendo um desenvolvimento humano integral. Afirmando que um desenvolvimento baseado apenas na economia não é suficiente. Sobre a temática social escreve ainda a *Centesimus Annus*<sup>86</sup>, no ano de 1991, ano do centenário da *Rerum Novarum*, onde refirma e actualiza os ensinamentos de Leão XIII.

Com estas tomadas de posição, a Igreja vai tentando encontrar soluções para fazer face ao pauperismo das classes operárias e levar a uma mudança dos valores morais, a fim de se promover a dignidade integral da pessoa humana. Como já expusemos, no início do desenvolvimento industrial o apostolado católico estava mais voltado para as elites económicas e fabris, esquecendo o grande mundo dos trabalhadores. Isto levou a que, na classe operária em geral, e nomeadamente entre os jovens aí inseridos, se criasse e alimentasse um clima de suspeita e mesmo de ódio em relação à Igreja<sup>87</sup>.

Regressando ao auge do contexto operário, podemos constatar que por muito tempo se mantiveram hábitos cristãos na vida dos operários, contudo, pouco-a-pouco, o cristianismo foi-se evaporando deste mundo, uma vez que a estrutura em que o mundo da indústria estava alicerçado conduziu a que estas gentes não tivessem tempo para a instrução, o lazer e a reflexão. Isto resultou, embora lentamente, no crescimento de um clima de suspeita e de desinteresse pela religião, uma vez que esta não dava atenção às classes operárias e não respondia às suas inquietações e necessidades<sup>88</sup>. A religião estava longe dos operários e reduziu-se a uma certa autodefesa espiritual ou salvaguarda egoísta, muito direccionada para o além. Não estava próxima das gentes, do povo, o que lhe tirava a possibilidade de atrair as massas, de as escutar e de lhes responder. O proletariado estava mais atraído por movimentos mais amplos e próximos das suas inquietações<sup>89</sup>.

Perante tudo isto, começam a surgir esforços, por parte dos católicos, no campo social. Assim surgem nomes como La Mennais e dois dos seus discípulos, Carlos de

---

<sup>85</sup> Cf. JOÃO PAULO II – Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. In *AAS* 80 (1987) 513-586.

<sup>86</sup> Cf. JOÃO PAULO II – Encíclica *Centesimus annus*. In *AAS* 83 (1991) 793-867.

<sup>87</sup> Cf. FLICHE, Augustin; MARTIN, Victor - *Historia de la Iglesia*. Valencia: EDICEP, 1974, vol. 24, pp. 511- 514.

<sup>88</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 243.

<sup>89</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 240.

Coux e Gerbet, estes insurgem-se contra o que La Mennais intitulou de “nova feudalidade”, combatendo e condenando o capitalismo<sup>90</sup>. Temos também Ozanan, que se insurge contra o liberalismo económico, descrevendo-o como o portador da morte para o operário<sup>91</sup>. Emerge igualmente Buchez, que procura conciliar a revolução com o catolicismo<sup>92</sup> e ainda o visconde Albano de Villeneuve-Bargemont, Armando e Anatole de Melun, animadores da Sociedade de Economia Caritativa em Paris. Na Alemanha, surgem Lenning e Dollinger. Na Bélgica temos, como grande centro de estudo e reflexão sobre a questão social, a Universidade de Lovaina<sup>93</sup>.

#### 1.4. *Cardijn*

Foi diante de tais circunstâncias, e percebendo que a Igreja estava longe das classes operárias, que o então seminarista e depois padre Cardijn, filho do mundo operário, alimentou a ideia de organizar um movimento de evangelização e de anúncio de Cristo. Este tinha por objectivo reconquistar os jovens trabalhadores, os operários, para o catolicismo, anunciando-lhes Jesus Cristo e transmitindo-lhes os princípios e valores humanos e cristãos<sup>94</sup>, procurando a promoção dos trabalhadores e a sua humanização. Joseph Léon Cardijn procura responder às inquietações e necessidades, espirituais e materiais, das classes operárias. Para tal, afirma insistentemente que «os jovens trabalhadores não são bestas de carga, nem máquinas, mas filhos e filhas de Deus»<sup>95</sup>, devendo por isso ser respeitados e tratados como tal. Assim, ele luta contra um sistema capitalista e desumano que, em favor do progresso e do lucro, agravava a miséria, a desigualdade e a exploração entre os seres humanos, e luta procurando a promoção e a dignificação da pessoa humana e do trabalho, o qual há-de contribuir para a melhoria das condições de vida, passando pela realização pessoal, pela promoção social e pelo fomento do bem comum.

---

<sup>90</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 246.

<sup>91</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, p. 246.

<sup>92</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, pp. 246-247.

<sup>93</sup> Cf. PIERRARD – *História da Igreja*, pp. 247-248.

<sup>94</sup> Cf. FLICHE; MARTIN - *Historia de la Iglesia*, vol. 24, p. 512.

<sup>95</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 7.

## Capítulo II

### UMA MISSÃO: VIVER A EXPERIÊNCIA DO AMOR DE DEUS COM OS OPERÁRIOS

*«Cada trabajador e cada trabajadora  
deve viver a experiência do amor de Deus.  
Não se pode respeitar a Deus,  
Se não se respeitam os trabalhadores  
E as trabalhadoras  
Que são imagem de Deus.  
Desgraçado de quem abusar dum trabalhador  
E duma trabalhadora:  
Abusa de Deus»<sup>96</sup>.  
(Joseph Léon Cardijn)*

Neste capítulo vamos procurar ver e expor qual foi a missão de Joseph Léon Cardijn. Para tal vamos centrar-nos na Revisão de Vida. Este segundo capítulo vai assim centrar-se nos fundamentos que estão na base da ação de Joseph Léon Cardijn. Analisando o método de revisão de vida. Expondo as verdades e momentos do método. Analisando a sua pedagogia e por fim enquadrando-o na missão evangelizadora da Igreja.

#### **1. O Método de Cardijn**

O método de Joseph Léon Cardijn é um caminho de evangelização e de vivência da fé na vida diária. É um caminho de humanização que pretende que cada cristão tome consciência da sua missão enquanto batizado, deixando o comodismo e partindo em missão.

##### ***1.1. Os fundamentos de Joseph Léon Cardijn***

Na citação de início de capítulo está condensado o pensamento e a causa pela qual Joseph Léon Cardijn sempre lutou. Ele foi uma alma apaixonada por Cristo, que assumiu como missão o anúncio do amor de Deus por todos os homens. O seu pensar e

---

<sup>96</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 5.

a sua maneira de agir foi sempre pautada pelo cuidado de chegar às pessoas. Ou seja, algo incarnado, pessoal e humanizante.

Cardijn não é um grande teórico ou pensador erudito, ele é um homem da prática, da acção, do contacto directo com as pessoas. É um homem apaixonado por Deus, que procura descobrir no rosto de cada jovem trabalhador e de cada jovem trabalhadora o rosto deste Deus de amor. O seu jeito, a sua maneira de agir e de actuar são sistemáticos. Tudo tem que ser previsto, reflectido, combinado. A par disto, ele é também uma pessoa dotada de um espírito forte, intuitivo e inovador. Todo o seu pensar tem uma fonte, uma referência, tudo nele tem um começo, tudo advém da fé, uma fé forte e coesa, alicerçada na oração. É ela que o impele para a acção, é do encontro pessoal com Cristo na oração que nasce toda a sua força e todo o seu entusiasmo. A oração é o centro da sua vida e da sua acção<sup>97</sup>, acção que está alicerçada numa fé forte e viva, fé vivida em Igreja. Como o próprio Cardijn afirmou:

«As nossas responsabilidades religiosas, escreveu ele, são as nossas responsabilidades mais elevadas, as mais decisivas. Dão à nossa pessoa, à nossa vida, ao nosso trabalho o seu valor e o seu significado mais alto e mais sagrado. Fazem-nos participar cá em baixo na vida, na dignidade, na obra de Deus... Longe de estar em oposição com as nossas responsabilidades humanas, de trabalho, familiares, sociais, económicas e culturais, elas confirmam-nas e consagram-nas dando-lhes uma fonte, uma perspectiva de universalidade e de eternidade»<sup>98</sup>.

O Padre Cardijn foi um homem incansável e que se tornou um arauto em favor das classes operárias, as quais se encontravam oprimidas e exploradas. Lutou em defesa dos jovens operários que, segundo ele, não podem ser mais do que simples objectos de uma consciencialização ou de um apostolado vindo do exterior. Para Cardijn, o operário tem que ser o agente da consciencialização e da melhoria das suas condições de vida, um agente activo na resolução dos seus problemas, agente da evangelização e humanização do mundo operário. Assim, o operário, tomando consciência da sua dignidade de pessoa humana e da sua condição de filho de Deus, e descobrindo esta dignidade nos seus companheiros, torna-se capaz de «uma vontade decidida de agir para transformar a sua vida, e o seu ambiente, as estruturas da sociedade»<sup>99</sup>.

---

<sup>97</sup> Cf. FIEVEZ; MEERT – *Cardijn*, pp. 131-136.

<sup>98</sup> CASAROLI, Agostino – Carta à juventude Operária Cristã. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-casaroli/1982/documents/rc\\_seg-st\\_19821113\\_giov-operaia-cristiana\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-casaroli/1982/documents/rc_seg-st_19821113_giov-operaia-cristiana_po.html) Acedido a 20-03-2017, 15:30h.

<sup>99</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 7.

Cardijn rejeitou toda a forma de paternalismo e assistencialismo. Entendeu que, para evangelizar o mundo operário, tinha que fazer como Jesus, «encarnar na realidade e na vida dos pobres»<sup>100</sup>. Nesta missão, a Igreja entraria apenas como um apoio organizativo, pois toda a acção deveria surgir e ser realizada pelos trabalhadores. A concepção de vida cristã que Cardijn defendia, e a necessidade do anúncio do Evangelho, levou-o a entender e perceber que não se consegue mudar a vida de um trabalhador sem, ao mesmo tempo, mudar o ambiente em que este está inserido. Assim, a acção tem que partir do operário para o operário, sendo o operário o grande protagonista da mudança do meio onde vive.

Deste modo, pode-se dizer que Cardijn profetizou, uma vez que, se olharmos para uma das formulações do Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no número 63 onde podemos ler: «Também na vida económica e social se devem respeitar e promover a dignidade e a vocação integral da pessoa humana e o bem de toda a sociedade. Com efeito, o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida económico-social»<sup>101</sup>. O grande pano de fundo no modo de pensar de Cardijn é a promoção da condição de vida dos trabalhadores e a melhoria das condições de trabalho, tendo sido esta a linha de pensamento que foi assumida pelo Concílio Vaticano II, em particular na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

O fim é a promoção da dignidade de todos os homens, em particular dos mais frágeis, levando-os a assumirem-se como protagonistas da sua transformação e mudança de vida, procurando a «supressão das injustiças que provêm de deficientes organizações do trabalho, transformando o lugar de trabalho numa comunidade de pessoas respeitadas na sua objectividade e no seu direito»<sup>102</sup>.

Deste modo todos os homens se tornam obreiros e colaboradores na construção de um Mundo e de uma sociedade mais unida e justa. Uma sociedade humanizante, onde cada ser humano possa trabalhar honestamente a fim de conseguir o seu sustento, conseguindo construir a sua vida na alegria e na fraternidade e assim realizar-se e alcançar a felicidade verdadeira em Cristo.

---

<sup>100</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 7.

<sup>101</sup> CONCÍLIO VATICANO II – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*. In *AAS* 58 (1966) 1084.

<sup>102</sup> JOÃO PAULO II – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*. In *AAS* 81 (1989) 393-521.

## 1.2. O método de Joseph Léon Cardijn

O método de Joseph Léon Cardijn pode ser caracterizado, segundo Raúl Biord Castillo<sup>103</sup>, como um método teológico-pastoral, e assenta na “revisão de vida”<sup>104</sup>. Trata-se de um caminho de esperança e de vivência espiritual, que partindo da vida e missão de Jesus, assim como do Evangelho, concede à pessoa uma luz orientadora para a sua vida. Sendo um caminho de vivência espiritual e de experiência de vida, a revisão de vida dificilmente se pode expressar de forma teórica, pelo que para a conhecer é necessário colocá-la em prática. Apesar disto, é possível operar uma sistematização através do material que dispomos em livros, opúsculos, estudos e esquemas, que permitem aprofundar aspectos teológicos e pastorais que a revisão de vida transporta<sup>105</sup>.

A revisão de vida não é um caminho solitário e desenraizado. Como vimos no parágrafo anterior, a revisão de vida pretende ser um caminho de encontro com Cristo e um meio gerador de comunhão, que leve a que Cristo seja a luz orientadora do caminhar cristão<sup>106</sup>, um caminho de transformação da vida, pessoal e colectiva. A revisão de vida é uma metodologia que pretende modificar a vida dos cristãos levando-os a superar o divorcio fé-vida. Como caminho de vivência espiritual autêntica.

É aqui que está o principal objectivo da revisão de vida, pois só se é cristão quando o evangelho encarna na vida pessoal e opera nesta uma mudança autêntica, isto porque o evangelho é a luz do mundo, da Igreja e de cada pessoa. A revisão de vida há-de levar a que haja um esforço para que os actos realizados e as decisões tomadas sejam evangélicos, situando a vida concreta no evangelho. Este não é somente um relato biográfico ou algo do passado, é um trecho histórico que nos fala dum Deus que ama e se relaciona com a humanidade, um Deus que se mostra no amor. Esta luz do evangelho apresenta-se-nos, nos dias de hoje, como luz orientadora para a humanidade e o caminho para a salvação<sup>107</sup>.

---

<sup>103</sup> BIOD CASTILLO, Raúl - Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar. [http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion\\_teologica\\_metodo\\_verjuzgaractuar.pdf](http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion_teologica_metodo_verjuzgaractuar.pdf) Acedido a 03-04-2017, 16:00 h

<sup>104</sup> Cf. GOFFI, Tullo – Revisión de vida. In *Nuevo Diccionario de Pastoral*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1990, pp.1217-1227

<sup>105</sup> Cf. ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural: Campanha para o ano social de 1966-67*. Torres Novas: Gráfica Almodina, [s.d.], pp. 4-5.

<sup>106</sup> Cf. PERANI, Cláudio – *A revisão de vida instrumento de evangelização*. São Paulo: Edições Loyola, 1974, pp. 27-28.

<sup>107</sup> Cf. MARÉCHAL, Albert – *A Revisão de Vida: Toda a nossa vida no evangelho*, Palheira: Gráfica de Coimbra, 2009, p. 13.

O método da revisão de vida não pretende ser um simples plano orientador da vida, que oriente as pessoas para um fim em si mesmas, e muito menos um plano para renunciar a algo sem mais. Este aponta para o interior querendo levar o homem a recordar que a vida não é sua, mas antes algo que lhe foi concedido. A revisão de vida não é um acto isolado nem fechado, ela tem por fim recolocar as vidas pessoais no desígnio de Deus, levando ao face-a-face, olhos-nos-olhos, com Jesus.

Tendo em vista este fim, a revisão de vida está construída como um caminho gradual e sistemático, o qual está assente no trinómio “Ver, Julgar, Agir”<sup>108</sup>. Tem como objectivo levar a uma união profunda entre a fé professada e a vida concreta. Isto é, o método de revisão de vida procura levar à unidade de Vida, pretendendo situar a vida concreta do ser humano, pessoal e colectiva, no Evangelho, conduzindo à unidade entre a fé e o agir<sup>109</sup>, entre aquilo que se professa e aquilo que se vive. A revisão de vida é, por isso, um método indutivo que aponta para o interior e para o concreto, uma vez que parte da situação concreta, e a partir das ideias gerais e universais deduz o que se há-de fazer. O método parte de uma análise profunda da realidade concreta, orientando para o estudo conjunto dos problemas e procurando que se chegue, em conjunto, à solução para os mesmos, levando a que as pessoas em causa se comprometam e animem mutuamente na resolução das dificuldades com que se deparam.

O método jocista apresenta-se como algo realista uma vez que procura ir ao encontro do outro, não pretendendo gerar um grupo fechado<sup>110</sup>. A revisão de vida só tem uma missão: «situar de novo as nossas vidas no desígnio de Deus, empurrar-nos para o encontro com o Pai, cujo desígnio está escondido em tudo o que é visível; quer dizer, à luz do Evangelho»<sup>111</sup>.

Este modo de pensar coloca o método de Cardijn na linha da rica tradição da Igreja e em consonância com os movimentos operários e populares que se vinham desenvolvendo, mas não seguiu os passos dos movimentos populares do marxismo ou do comunismo, que esqueceram a transcendência. A revisão de vida é uma visão nova, mas não proclama algo de novo. É nova porque procura a visão divina das coisas, procura anunciar o evangelho de sempre mas de maneira nova, uma vez que a revisão de vida quer levar Cristo Jesus a entrar na vida das pessoas<sup>112</sup>. Assim, já nada é apenas

---

<sup>108</sup> Cf. BIOD CASTILLO, Raúl – *Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar*.

<sup>109</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, pp. 13-25.

<sup>110</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 50-51.

<sup>111</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, p. 14.

<sup>112</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, p. 15.

humano, tudo é extraordinário pois Deus está connosco. O comer, o beber, o trabalhar, o amar, o sofrer e o morrer têm um significado novo. Vive-se a partir de Cristo, levando a uma visão do Cristianismo, já não como uma doutrina teórica como tantas outras, mas antes à compreensão de que o cristianismo é um encontro pessoal com Cristo Jesus, morto e ressuscitado.

Foi neste modo de pensar que o método de Joseph Léon Cardijn começou a ser aplicado, quando iniciou o seu trabalho pastoral em Laeken, tendo sido este método a maneira eficaz que ele encontrou de se aproximar e de conquistar a confiança e a amizade das gentes de Laeken, e dos jovens operários em particular<sup>113</sup>.

O método está assente num trinómio “Ver, Julgar, Agir”. Ele procura ser uma caminhada dinâmica e construtiva, caminho de crescimento humano e de fé. Este caminho está assente em três verdades fundamentais, verdades que, segundo Cardijn, «dominam e iluminam o problema da juventude»<sup>114</sup>, uma vez que o inspiram, explicam e o orientam. Propõe uma solução através de um caminho de crescimento, ou seja, um caminho de fé e de encontro com Cristo, um caminho de igualdade e fraternidade.

#### *1.2.1. As verdades do método*

O método de vivência espiritual da revisão de vida está assente no evangelho, isto é, no seguimento do mandato de Jesus: «Assim como eu fiz, fazei vós também» (Jo, 13,15). O método assenta em três verdades que são a base da revisão de vida.

##### *1.2.1.1. A verdade da fé<sup>115</sup>*

Enaltecer o destino eterno e temporal de cada ser humano, assenta no dom infinito e verdadeiro de Deus para cada homem, que nos foi dado no momento da criação, por meio do amor infinito de Deus, pois Deus deu-se e comunicou a sua vida, manifestando a sua verdade, fazendo de quem nele acredita participante no Reino. Este primeiro ponto assenta no chamamento universal à salvação, que é dirigido a todos os homens, um destino que apela a que os cristãos sejam colaboradores de Cristo, o Redentor, colaborando na sua obra salvífica<sup>116</sup>.

---

<sup>113</sup> Cf. PINHEIRO, Maria Vitória – Revisão de vida, um exemplo. In *A IGREJA no mundo operário: Contributos para a história da Liga Operária Católica e da Liga Operária Católica Feminina (1936- 1974)*. Palheira, Assafarge: Gráfica de Coimbra, 2002, pp. 174-181.

<sup>114</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 32.

<sup>115</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 36.

<sup>116</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 10.

Em suma, considera-se um facto concreto da vida, um acontecimento pessoal, o qual é lido e analisado como o fazia Cristo Jesus.

#### 1.2.1.2. *A verdade da experiência*<sup>117</sup>

A realidade denota uma terrível contradição que existe entre o estado real dos jovens trabalhadores e o destino eterno e temporal ao qual são chamados. Este segundo ponto assenta na vida concreta dos trabalhadores. Nele Cardijn procura reflectir a partir da realidade concreta dos trabalhadores, a fim de a compreender e de conseguir dar resposta às necessidades destes. Para falar disto, Cardijn utiliza uma expressão muito bonita: «Há que estar com os dois olhos no céu e os dois pés na terra»<sup>118</sup>. Com isto, Joseph Léon Cardijn enaltece a condição humana e defende a necessidade de se tomar consciência da realidade da idade, das condições de trabalho, da influência do ambiente, dos problemas a resolver, como o abandono e a solidão, da falta de experiência, tendo sempre como meta e referência a vocação universal à santidade em Cristo Jesus, a qual tem que ser vivida como algo incarnado e operante na vida diária de cada trabalhador<sup>119</sup>.

Neste degrau do método julga-se o facto não só à luz dos elementos pessoais, mas analisa-se o acontecimento vivido à luz do Evangelho. Com esta tomada de posição, Cardijn deixa para trás a divisão entre fé e vida, a qual foi proclamada como vimos acima no pós-revolução francesa numa onda de neopaganismo, que foi fortemente marcado pelo «nacionalismo materialista, pelo racismo messiânico, pelo comunismo revolucionário, pelo nudismo, pelo sensualismo, pelo amoralismo»<sup>120</sup>. Tudo pensamentos e místicas erróneas que, segundo Cardijn, foram lançadas sobre a juventude desamparada e atormentada por um liberalismo que se dizia libertador e que se tornou num ditador. O método de Cardijn procura uma união estreita entre fé e vida a fim de descobrir o apelo do Senhor e qual é a sua vontade a respeito de cada um.

Este segundo momento há-de levar a um compromisso!

#### 1.2.1.3. *A verdade da prática pastoral*<sup>121</sup>

Nesta terceira verdade, Joseph Léon Cardijn elenca a necessidade de uma organização católica de jovens trabalhadores com vista à conquista do seu destino

---

<sup>117</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 37.

<sup>118</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 37.

<sup>119</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 10.

<sup>120</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 37.

<sup>121</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 37.

eterno e temporal, ou seja, que seja uma ajuda para o seu crescimento humano e cristão. Este terceiro ponto procura concretizar numa realidade concreta a verdade da fé e a verdade da experiência, uma vez que Cardijn está certo de que não é uma solução de fora, que deixe os trabalhadores só como receptores, que vai conseguir responder às reais necessidades dos trabalhadores e resolver os seus problemas. Ele próprio o afirma: «Nada de soluções a encontrar pelo clero, pelos padres, pelos formadores, pelos patrões, ou pelos poderes públicos. Todos estes factores podem e devem contribuir, mas não podem substituir os Jovens Trabalhadores»<sup>122</sup>. Portanto, esta concretização opera-se na organização dos jovens trabalhadores, num grupo ou movimento no seio da Igreja, um movimento de jovens, constituído por jovens, e liderado por jovens, onde a classe juvenil se entreajuje de modo a crescer na fé e nos valores humanos, de modo a conquistarem o seu destino<sup>123</sup>.

No terceiro momento chegamos ao pôr em prática, ao compromisso, ao momento da acção<sup>124</sup>.

É a partir destas três verdades que surge e se desenvolve toda a mística, toda a metodologia e todo o trabalho de Joseph Cardijn. Tudo se prende com a atenção dada à vida concreta dos trabalhadores, levando a que se opere a leitura da própria vida à luz da fé. A grande novidade do seu método de revisão de vida é o facto de este valorizar a acção dos leigos na vida da comunidade cristã e na vida do mundo, levando a que estes se assumam como responsáveis e protagonistas da sua fé, como participantes activos na comunidade cristã e na construção de um Mundo melhor.

### 1.2.2. *Os momentos do método*

O método da revisão de vida está estruturado em três planos, os quais são etapas gerais e sucessivas. Estas devem ser realizadas e respeitadas na sua ordem, a fim de se conseguir tirar o melhor proveito do exercício realizado. Os planos são:

Ver<sup>125</sup>: é algo imprescindível para um perfeito Julgar. Indica o abrir os olhos e perceber os objectos e as realidades que estão à nossa frente, vendo a realidade como ela é, tornando-nos sujeitos desse objecto. O ver focaliza-se nas estruturas e nas pessoas envolvidas, procurando-se considerar as causas e as consequências de um facto, a fim

---

<sup>122</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 37-38.

<sup>123</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 10.

<sup>124</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 10-11.

<sup>125</sup> Cf. BIOD CASTILLO, Raúl – *Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar*, pp. 6-11.

de descobrir o que é que o acontecimento revela; Ver em profundidade as realidades que nos rodeiam com um olhar profundo e amplo como Jesus via, com um olhar que penetra, mas que não fere.

Julgar<sup>126</sup>: é o acto pelo qual se avalia algo, é um juízo sobre uma qualidade que se atribui a alguém e que o qualifica. Em concreto, podemos dizer que o julgar vem depois do ver porque o clarifica, expressando o que se vê. Por outras palavras, o julgar indica a faculdade típica do ser humano, que é o único ser capaz de formular juízos de valor. Por esse motivo, o julgar supera as percepções sensoriais, elevando a objectividade da razão humana. Sendo um juízo, há-de conduzir à opção fundamental por Cristo, conduzindo ao compromisso em favor dos irmãos<sup>127</sup>. A etapa do julgar, sendo a mais importante, é também a mais exigente. Assim sendo, vejamo-la a pormenor: o primeiro passo do julgar diz respeito ao campo dos sentidos espontâneos. Nele julgamos as nossas atitudes e os nossos sentimentos imediatos e mais naturais. A segunda etapa prende-se com a aferição dos valores humanos e dos valores divinos, presentes no acontecimento, aferindo as suas causas e as consequências. Neste passo, mediante a análise das causas, das consequências e dos valores humanos e cristãos que pautaram o acto entramos na fase do julgar. No terceiro momento, olhando ao íntimo do ser humano, aferindo as suas aspirações e os seus pecados, concluindo consequências destes, a pessoa que opera o exercício de revisão de vida é conduzida a reflectir profundamente sobre os aspectos da sua vida e da sua acção que necessitam de conversão e de mudança. Na quarta etapa, somos levados a partir da reflexão desenvolvida a nos consagrarmos totalmente em favor da verdade, abandonando aquilo que nos afasta do evangelho e procurando uma configuração cada vez mais perfeita com os ensinamentos do evangelho de Cristo Jesus<sup>128</sup>.

Agir<sup>129</sup>: este passo apresenta-se como uma conclusão lógica dos primeiros passos. Nele a análise da realidade operada no passo anterior, o Ver, em conjunto com o discernimento operado no passo do Julgar, feito a partir da reflexão teológica e bíblica, são orientados para a prática, ou seja, para a mudança de vida e conversão, para

---

<sup>126</sup> Cf. BORD CASTILLO, Raúl – *Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar*, pp. 11-13.

<sup>127</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, pp. 81-83.

<sup>128</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, pp. 83-113.

<sup>129</sup> Cf. BORD CASTILLO, Raúl – *Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar*, pp. 13-15.

responder às necessidades concretas das pessoas, tendo como grande fim a transformação da realidade.

Apresentamos agora um dos modelos dos esquemas utilizados no método de revisão de vida. Expomos um modelo geral uma vez que o método de Joseph Cardijn, que ele aplicou ao mundo operário, foi depois utilizado e adaptado a outros meios e áreas da sociedade, como é o caso do meio rural. A aplicação do método de Ver, Julgar e Agir, a Revisão de Vida ao mundo rural será estudado mais adiante, no presente trabalho.

### *1.2.3. Esquema de Revisão de Vida*

Agora vamos expor um esquema de revisão de vida, o qual foi elaborado a partir da obra de Cláudio Perani, “A Revisão de vida instrumento de evangelização”<sup>130</sup>.

#### *1.2.3.1. Ver o facto no seu conjunto*

Nesta etapa, analisando as estruturas e compreendendo as pessoas envolvidas, procura-se aferir o facto em si, pretendendo saber se o facto foi vivido por aquele ou aqueles que o apresentam, se é um facto isolado, ou se se conhecem alguns factos semelhantes.

Esta fase passa por três passos:

1. Quais são os factos? Neste passo, são aferidas as pessoas em causa: homens, mulheres, jovens, crianças, situando-nos na sua situação e descobrindo qual a sua realidade de vida, observando o facto em si mesmo, como ele é.
2. As causas. Neste segundo passo, procuram-se descobrir, primeiro num plano individual e depois colectivamente, as causas materiais e as causas morais que estão na base dos factos, ou seja, dos problemas na vida das pessoas.
3. No terceiro passo, tentam-se aferir quais serão as consequências dos factos, o que um determinado acto traz à vida das pessoas.

#### *1.2.3.2. A fé e a vida*

Depois de, no primeiro passo, se ter conhecido a realidade em que a pessoa se encontra, no segundo passo da revisão de vida a pessoa é levada a ir à Palavra de Deus e aos ensinamentos de Jesus e, a partir deles, analisar a sua realidade. Isto é, a pessoa é levada a levantar as seguintes questões:

---

<sup>130</sup> PERANI – *A revisão de vida*, pp. 27-31.

O que é que Jesus faria nesta situação? O que é que o Evangelho me diz? Que pensa o grupo deste facto à luz da mensagem de Cristo?

Nesta segunda fase, através dos valores recebidos e vividos na comunidade cristã, a pessoa, em conjunto com o grupo, vai, em três fases, procurar fazer uma análise da sua vida à luz da fé.

1. No primeiro passo, vai analisar a sua realidade concreta procurando aferir na sua vida quais são as graças recebidas do Senhor e quais são os pecados e as faltas que ainda fazem parte da sua vida e que devem ser abandonados.
2. No segundo passo, a pessoa é convidada a olhar para o facto apresentado vendo-o ao pormenor: Como foi entendido? Pode ser explicado? Como? Em seguida, é convidada a escutar os testemunhos dos restantes membros do grupo que já tenham passado por uma situação semelhante, confrontando a sua realidade com a que os companheiros relataram.
3. No terceiro passo da segunda fase, a pessoa é levada, a partir dos factos relatados pelos companheiros, a ver a sua realidade, procurando com esta ajuda descobrir o caminho que Cristo lhe propõe.

#### *1.2.3.3. Os apelos que o Senhor nos dirige*

Nesta terceira e última fase da revisão de vida, a pessoa, depois de nos primeiros momentos ter analisado os factos e de os ter julgado no confronto com os companheiros e à luz do evangelho, é conduzida a realizar o processo de revisão de vida. Ao escutar os apelos do Senhor à conversão e à mudança de vida, e ao dar a si em favor do seu próximo, é levada à acção.

Esta última fase é composta por quatro momentos:

1. O apelo à conversão. O que é que eu devo fazer para mudar a maneira de Ver, de Julgar e de Agir. Pessoal e colectivamente.
2. O apelo ao trabalho com a Igreja e na Igreja.
3. O apelo ao trabalho no mundo, que deve ser operado com competência, servindo-se dos valores que Deus depositou no ser humano, a fim de trabalhar na construção de um mundo mais justo.
4. Por fim, surge o apelo apostólico. Este lembra a necessidade da oração, da reflexão e meditação da palavra de Deus, recordando o mandato que Ele nos dirigiu: Governar todas as coisas, criadas, com doçura e amor.

Neste ponto, expusemos os momentos e as etapas que compõem o método de revisão de vida. O esquema que descrevemos é um esquema base de trabalho para a elaboração da revisão de vida, que tanto pode ser utilizado na avaliação da vida pessoal, como na vida de um grupo. Deste modo, o esquema que apresentámos tem que ser pormenorizado de acordo com as situações de cada grupo ou situação onde se pretende aplicar o método de revisão de vida, isto porque o método de revisão de vida é um método de análise da vida concreta, o que leva a que cada pessoa procure pôr em prática a revisão de vida e o faça, antes de mais, pessoalmente, tornando-se assim a revisão de vida um caminho de crescimento e amadurecimento humano e cristão.

### ***1.3. Os objectivos do método Joseph Cardijn***

O método de Joseph Cardijn ajuda a que a pessoa se situe diante da sua realidade concreta. Tem como fim ajudar cada criatura a confrontar a sua realidade com o seu criador. E assim, como “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), do mesmo modo a vocação de cada homem passa por encarnar na sua vida diária a vida de Deus, isto é, viver a vida quotidiana sempre pautada pelo evangelho. Assim, toda a prática religiosa como os sacramentos, a oração, a eucaristia e a partilha tornam-se fontes e canais da vida de Deus a agir no coração dos homens, transformando e divinizando a vida concreta de quem as vive, ajudando o ser humano a viver verdadeiramente, a assumir comportamentos transformadores, que levem a corrigir e melhorar a sua vida, ajudando-o a transformar a realidade que o rodeia. E assim, encarnando o evangelho na vida, já não se concebe uma religião separada da moral, pois a vocação eterna do ser humano não pode ser vivida sem o temporal. Neste sentido, a revisão de vida, vivida e aplicada nos movimentos da Acção Católica, apresenta-se como uma escola de treino e de aprendizagem, como um serviço que tem como fim suscitar nos cristãos leigos o desejo e a necessidade de viver a sua fé e o seu apostolado sem medo, assumindo a sua condição de filhos de Deus e realizando na sua vida a missão que Cristo confiou aos seus discípulos<sup>131</sup>.

Em suma, o método de Cardijn leva a que se passe da teoria à prática, envolvendo as pessoas na mudança da sua vida e do meio em que vivem, gerando uma mudança no próprio ambiente de que fazem parte e contribuindo para a construção de um mundo novo, onde reine a paz e a concórdia, construindo assim a civilização do

---

<sup>131</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 32-33.

amor. É fácil compreender então que os objectivos de Cardijn e da JOC sejam: «conquistar a massa da juventude trabalhadora; evangelizar a vida real da juventude operária; reconquistar o ambiente onde trabalha e vive a massa dos trabalhadores»<sup>132</sup>.

#### *1.4. A pedagogia do método*<sup>133</sup>

A JOC, segundo o pensamento de Joseph Cardijn, tem como fim agrupar os jovens trabalhadores a fim de os formar como homens e como cristãos, ajudando-os a crescer, protegendo-os e defendendo-os. O grande fim é a santidade. Assim, na JOC, o objectivo traçado é o de levar os jovens ao encontro com Cristo. Mas, como os jovens são uma grande multidão, Joseph Cardijn, inspirando-se na escritura, assume um objectivo, o qual passa pela formação e acompanhamento pessoal. Como Cristo fez com os seus discípulos, assim Joseph Cardijn procura dinamizar a formação de pequenos grupos de jovens que, a exemplo dos apóstolos, aprendam a viver com Cristo a fim de que se tornem cristãos e discípulos do mestre.

O passo seguinte será o envio. Isto é, como os apóstolos, serão enviados a anunciar a Boa Nova de Jesus, sendo para o Mundo como fermento é para a massa. Chegamos assim a outro ponto essencial da pedagogia de Cardijn: o operário há-de ser o evangelizador do operário. Nesta linha, Joseph Cardijn reúne esforços a fim de se conseguir a criação de uma elite, não uma elite distinta e afastada dos demais, mas uma elite que seja exemplo, estimulante e educadora, daquele que vive a mesma condição. O operário a ajudar o operário, sendo o operário o evangelizador do próximo, um apóstolo para com os seus. Estamos perante algo exigente, real e verdadeiro. Algo que não é uma missão em série pois, na pedagogia de Cardijn, estamos como um agricultor que cuida com ternura cada árvore do seu pomar, exigindo-se assim um trabalho pessoal, interior e contínuo.

O método de Joseph Cardijn é um método de paciência, que ajuda a exercitar o sentido crítico ajudando na avaliação dos actos realizados, levado a cabo por pequenos grupos, compostos por homens e mulheres, aos quais se dá a oportunidade de se conhecerem a fundo e de se amarem mutuamente.

A revisão de vida é o resultado da ideia pedagógica que Cardijn sustentava, cujo objectivo consistia em «levar essas rapariguinhas endiabradas a pensar e a observar na própria vida que viviam todos os dias o que de bom havia nessa vivência e também o

---

<sup>132</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 18.

<sup>133</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 18- 23.

que de menos bom existia!»<sup>134</sup>. O método é um espaço de conhecimento e de crescimento integral, gerando, entre os que vivem segundo o método, uma preocupação de conjunto. Como diz o próprio Joseph Cardijn:

«A verdadeira acção jocista. Essa encontra-se na conversa em intimidade, no coração a coração, na dedicação apagada, no sacrifício escondido do militante que, para correr atrás duma ovelha perdida, não conhece nem distâncias, nem cansaço, nem obstáculos, muitas vezes depois de longas e duras jornadas de trabalho! Aí reside o segredo da JOC!»<sup>135</sup>.

### ***1.5. O método de Joseph Léon Cardijn, um folego novo no anúncio de Cristo***

Com este método gera-se algo novo, não na perspectiva extraordinária, como pretenderam os movimentos e métodos políticos do século XIX e início do século XX, que proclamavam uma visão do mundo e da história que operava uma cisão com o que vinha de trás, onde se destaca o marxismo, o mais abrangente e desenvolvido destes movimentos. Em sentido oposto aos movimentos e métodos do século XIX e início do século XX, surge o método de Joseph Léon Cardijn. Este método apresenta-se como algo que não segue as linhas de pensamento dos movimentos populares, nem se mantem na linha das estruturas de preservação e dos métodos de tipo escolar que caracterizavam o trabalho da Igreja com os jovens trabalhadores até então.

O método de Cardijn apresenta-se na senda evangélica e apostólica, procurando anunciar o evangelho de sempre, mas com uma linguagem nova.

De facto, observando-se a acção de Cristo e a maneira de agir dos profetas do antigo testamento, é possível perceber e concluir que a revisão de vida está na linha de acção utilizada por estes. Ao analisar a vida dos profetas com facilidade se conclui que tudo parte da realidade, da vida, sendo a partir da situação concreta que se apresenta um caminho de reconciliação e de salvação. Nos relatos bíblicos, depois de se ter apontado a situação concreta, o profeta leva a pessoa a confrontar a sua realidade com o que é apresentado na palavra de Deus, chamando e convocando a pessoa a uma mudança radical na sua vida.

Um exemplo disto é o caso do adultério do rei David<sup>136</sup>, que é relatado no segundo livro de Samuel, no capítulo doze. Neste episódio, o profeta Natan não se dirige ao rei com as normas da lei de Moisés ou com uma grande admoestação

---

<sup>134</sup> PINHEIRO, Maria Vitória – Revisão de vida, um exemplo, p. 176

<sup>135</sup> AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, p. 21.

<sup>136</sup> Cf. 2 Sm 11,1-12.15.

teológica. Natã inicia a sua advertência para com o rei contando uma história que obriga o rei a defrontar-se com a realidade e com as consequências desta. Só depois de o rei ter tomado consciência dos acontecimentos e se ter deparado com o mal que tinha cometido é que o profeta efectua a sua admoestação profética, procurando levar o rei David a uma atitude de conversão e de mudança.

A acção de Jesus segue a linha dos profetas. Ele parte da realidade concreta procurando que as pessoas tomem consciência da sua realidade pessoal encaminhando-as para o encontro com o amor misericordioso de Deus. Um exemplo disto é o episódio emblemático do encontro entre Jesus e a Samaritana.<sup>137</sup> Neste caso, Jesus depois do primeiro contacto, isto é, depois de ver a realidade concreta daquela mulher, procura ajudá-la. Primeiro, procura levar a mulher a tomar consciência da situação em que se encontra. Depois, ajuda-a a julgar a sua situação concreta. Por fim, conduz a samaritana a uma mudança na sua vida.

A partir destes dois relatos bíblicos podemos concluir que o método de Cardijn, método de revisão de vida, se encontra assente na linha de acção dos profetas. E, ao fazê-lo, traz algo de novo para a vida da Igreja do século XX, pois recorda-lhe, a par com os movimentos bíblicos, a importância de regressar às fontes da fé.

A sua acção trouxe outra novidade para a vida da Igreja que passou pela atenção dada aos operários, uma vez que, no período anterior, o trabalho com as classes operárias e com os jovens trabalhadores, efectuado no seio da Igreja católica, estava centrado num esquema escolar e assistencialista, que se encontrava muito longe das necessidades e das inquietações das classes operárias. Foi a partir da constatação deste afastamento que Cardijn, filho da classe operária, procurou algo novo e orientou a sua acção para falar a estes jovens no seu meio e nas suas circunstâncias concretas. A sua grande originalidade prende-se com o facto de ele ter dado relevo aos meios económicos e ao trabalho, enquanto factores importantes da promoção e da libertação das massas operárias e populares e pelo facto de ele ter levado Cristo onde o liberalismo tinha implantado um forte clima anti-religioso e materialista.

Com a sua missão, o evangelho propagou-se e foi assumido de maneira nova. Já não vinha do exterior, por meio de uma acção e num ambiente irreal, onde ninguém tocava ninguém. Com a JOC, numa dinâmica institucional organizada e definida, o evangelho de Jesus aproximou-se dos operários que se encontravam nas periferias,

---

<sup>137</sup> Cf. Jo 4, 1-42.

longe das principais acções e preocupações da Igreja. Assim, podemos afirmar que Cardijn construiu algo de novo, com profundidade doutrinal e teológica, levando Cristo às oficinas e às fábricas, levou o Evangelho aos locais onde estavam as pessoas<sup>138</sup>.

Com o método da revisão de vida, a Igreja conseguiu alcançar uma nova visão da realidade porque o método a fez regressar ao Evangelho. Isto acontece porque o método parte da visão divina das coisas, não fazendo acepção de pessoas. Esta força doutrinal e espiritual deu à Igreja uma nova maneira de ver o Mundo, que lhe dá a capacidade para melhor enfrentar os problemas que surgem, dos quais se destacam: o problema da técnica, a complexidade das estruturas, o sentido universal do mundo, o esquecimento do valor e da dignidade humana<sup>139</sup>.

Mais concretamente, a revisão de vida ajudou a Acção Católica a descobrir a sua missão. Através da revisão de vida, o movimento vai elaborando, marcando e transformando a vida de milhares de pessoas, que vão moldando o meio onde estão inseridas. A revisão de vida pretende situar toda a vida no Evangelho, situando a vida da pessoa no desígnio de Deus, educando para a abertura à comunidade e à Igreja, operando através da educação para o diálogo e para a partilha e realizando uma dupla acção, a educativa e a apostólica e missionária. A primeira tem como fim levar o cristão a descobrir a sua fé e a aprofundar a sua relação com Cristo. A segunda impele o cristão para fora, levando-o a irradiar a sua fé, com caridade e misericórdia. Esta é a missão da Acção Católica - ser presença de Cristo no Mundo. Assim, podemos afirmar que a revisão de vida não se restringe a analisar a vida passada, uma vez que está aberta ao futuro, pretendendo abrir os horizontes da vida a uma visão nova da existência<sup>140</sup>.

---

<sup>138</sup> Cf. AUBERT – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*, pp. 31-34.

<sup>139</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, p. 5.

<sup>140</sup> Cf. MARÉCHAL – *A Revisão de Vida*, p. 15.

## Capítulo III

### O MÉTODO DE JOSEPH CARDIJN APLICADO NUMA SITUAÇÃO CONCRETA: A ACÇÃO CATÓLICA RURAL EM PORTUGAL

A Acção Católica Rural  
é um Movimento  
de militância cristã,  
de espírito saudável .  
Pois ele centra-se no ser Igreja.  
Se muitas modas vão caducando,  
a Acção Católica  
será sempre o verdadeiro filão  
de uma Igreja  
desperta para os problemas de hoje.

No terceiro capítulo vamos procurar ver a concretização do pensamento de Cardijn, fundador da JOC e analisar a sua aplicação em Portugal, por meio do movimento da Acção Católica Rural. Para tal, vamos, num primeiro momento, ver como é que o movimento da Acção Católica chegou a Portugal, analisando, de forma sumária, a sua implementação. Num segundo momento, vamos analisar a aplicação do método “Ver, Julgar, Agir” no âmbito da sociedade rural e no campo da juventude rural.

#### **1. A Acção Católica Rural em Portugal e o método de revisão de vida.**

Neste ponto vamos ver a concretização do pensamento de Joseph Léon Cardijn, fundador da JOC analisando a sua inserção em Portugal por meio do movimento da Acção Católica Rural.

##### ***1.1. Cardijn e a Acção Católica Rural***

A Acção Católica Rural (ACR) é um Movimento formado e dirigido por leigos jovens e adultos inseridos no meio rural, abrangendo na sua acção também adolescentes e crianças. Este ramo da Acção Católica obedece às características gerais da Acção

Católica e dedica-se, de forma organizada, à evangelização e promoção do meio rural<sup>141</sup>, tendo como método a Revisão de Vida, o “Ver, Julgar, Agir” de Joseph Cardijn<sup>142</sup>.

## **1.2. Acção Católica em Portugal**

O movimento da Acção Católica chega a Portugal no ano de 1933<sup>143</sup>, por intermédio do episcopado português de então, que, anos antes, no Concílio Plenário Português, realizado entre 24 de Novembro e 3 de Dezembro de 1926, ao analisar a situação social, humana e religiosa de Portugal se havia deparado com a situação frágil de um cristianismo em decadência, fruto das políticas liberais do fim da monarquia e das políticas anticristãs da primeira república<sup>144</sup>.

O Concílio Plenário Português é um ponto de chegada de todas as vivências e de uma grande reflexão da Igreja portuguesa desde o início das políticas liberais, representando um ponto de partida na autonomia e reorganização do catolicismo português, que se encontrava muito fragilizado. As ideias fundamentais saídas do Concílio Plenário Português são:

- A preocupação pela unidade de disciplina e organização da Igreja;
- A identificação dos grandes inimigos do catolicismo: o laicismo e o protestantismo;
- A apresentação da visão do episcopado acerca da questão social;
- A definição do entendimento das relações Igreja/Estado, em termos de direito e liberdades;
- A aceitação da ideia de secularização, mas mantendo a intransigência na defesa dos direitos da Igreja e na recusa da laicização nociva da sociedade;
- A valorização da ação da Igreja no terreno moral e religioso em oposição ao laicismo oficial do estado<sup>145</sup>.

---

<sup>141</sup>Cf. ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural*, p. 3.

<sup>142</sup> ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural*, pp. 4-5.

<sup>143</sup> Cf. *GUIA da Acção Católica Portuguesa*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Rádio renascença, 1946, vol. 1, p. VII.

<sup>144</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo a República. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Casais de Mem Martins, Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002, vol. 3, pp. 65-127.

<sup>145</sup> Cf. FONTES, Paulo F. de Oliveira – O catolicismo português no século XX: da separação a democracia. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*, vol. 3, pp. 164-168.

A necessidade e o sentido desta renovação, incentivada pelo Concílio Plenário Português, já se vinham sentindo desde o final do século XIX, com os primeiros movimentos católicos sociais, os quais se desenvolvem com o apoio do Papa Pio IX, surgindo por volta do ano de 1848. Estes movimentos tinham como fim a promoção e a defesa dos direitos e liberdades da Igreja e dos cristãos. Posteriormente, eles assumem outro carisma, centrando-se na promoção e defesa dos princípios sociais.

Assim, esta renovação inscreve-se na linha do catolicismo integral, que teve uma forte afirmação através do catolicismo social, desde o final do século XIX. Agora surge uma grande paganização e descristianização da sociedade portuguesa operada pela primeira república, a que se juntam as atrocidades da Grande Guerra que assolou a Europa.

O período de guerra afirma-se como uma fase de confronto e afirmação dos impérios europeus à escala mundial, o que deixou uma experiência traumática, e que obrigou as sociedades e o mundo a procurarem novos fundamentos e a definirem novas fronteiras sobre as quais assentam politicamente os Estados. Foi deste modo recolocada como questão central a procura de uma nova universalidade, de que a Sociedade das Nações era historicamente expressão imediata, mas que se tornara insuficiente e ineficaz.

Isto aconteceu uma vez que a guerra trouxe consigo a consciência da finitude humana e social e abalou a crença no progresso invencível da história da humanidade, a qual estaria supostamente em marcha para o reino da felicidade e da paz. Contribuiu ainda para pôr em causa o mito da superioridade da civilização ocidental, abrindo o campo à interrogação sobre o valor das culturas ou o contributo de cada civilização para a história geral da humanidade.

Numa outra perspectiva, no interior das sociedades em processo avançado de industrialização, deu-se o aparecimento e o peso crescente das chamadas classes médias que trouxeram consigo novos problemas, com a emergência da questão do papel das “massas” na história, conduzindo a que viessem para a ribalta novos termos, e a problemática da formação e enquadramento das elites nas sociedades modernas.

É neste contexto geral que se pode compreender o pensamento e acção do Papa Pio XI (1922-1939), que assumiu precisamente como máxima do seu pontificado: “*Pax Christo in Regno Christo*”, “*A paz de Cristo no reino de Cristo*” porque, de facto, a perspectiva de restauração religiosa da sociedade que se vinha delineando a nível geral do catolicismo, desde finais do século XIX, e concretizando nos mais variados sectores

da vida da Igreja, ganhou com o Papa Pio XI um novo impulso, na perspectiva de um catolicismo combativo, no seio da sociedade moderna. O verdadeiro programa do seu pontificado era o projecto de restauração de uma “ordem social cristã” e fizera da ideia da Acção Católica uma nova proposta de apostolado ao serviço desta reestruturação da ordem social cristã, uma vez que a Igreja atravessava um momento delicado, em que os católicos estavam divididos, havia escassez de clero e a acção da Igreja na sociedade era insignificante.

As ideias de renovação vão chegando a Portugal, dando-se a criação de algumas associações que tinham como fim a promoção cristã e a acção social. As principais associações que se desenvolveram foram: a Associação Promotora da Educação e Instrução Popular, criada no ano de 1902; o Centro Académico de Democracia Cristã, criado no ano de 1903 em Coimbra; a Liga de Acção Social Cristã, criada no ano 1907; a Juventude Católica Feminina, fundada em 1924; e as Associações dos Médicos Católicos, dos jurisconsultos Católicos e os Círculos Católicos Operários.

É perante a situação, descrita acima, e por influência da acção destes movimentos, que os bispos de Portugal decidem tomar um conjunto de iniciativas em ordem à recristianização da sociedade portuguesa<sup>146</sup>. Uma das grandes iniciativas tomadas foi a criação da Acção Católica Portuguesa (ACP) que pode ser descrita como a organização do laicado católico português e que tinha como fim a difusão e a defesa dos valores e princípios cristãos católicos na vida dos fiéis católicos<sup>147</sup>. Este movimento tinha como objectivo a formação e acompanhamento dos leigos e a capacitação destes para poderem colaborar com a hierarquia na missão de anúncio do Evangelho, a fim de, em conjunto, leigos e clero, trabalhem na obra de revitalização e mobilização do cristianismo no país<sup>148</sup>. Este movimento, visava o reforço da unidade interna do catolicismo, o que tornou a Acção Católica no meio de acção para «a nova cruzada de reconquista cristã de Portugal»<sup>149</sup>. De facto, o esforço de recristianização e de mobilização da sociedade portuguesa operou-se através de uma maior unidade interna do catolicismo, o que foi conseguido pela unidade a nível das perspectivas e ideias do movimento católico e também das iniciativas e formas de organização<sup>150</sup>, pois a Acção

---

<sup>146</sup> Cf. FONTES, Paulo – A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a Presença da Igreja na Sociedade. *Lusitania Sacra* 2ª série 6 (1994) p. 63.

<sup>147</sup> *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, p. 3.

<sup>148</sup> *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, p. 4.

<sup>149</sup> Cf. FONTES – O catolicismo português no século XX, p. 174.

<sup>150</sup> Cf. FONTES – O catolicismo português no século XX, pp. 174-175.

Católica Portuguesa tinha como fim agregar todas as formas de apostolado laical assim como ser a grande voz dos católicos no plano social e público.

A 16 de Novembro de 1933, são aprovadas, pelo Papa Pio XI, as bases orgânicas da Acção Católica Portuguesa. Este novo órgão foi criado com o objectivo de desenvolver um apostolado organizado, para gerar uma nova cristandade<sup>151</sup>, o que levou os leigos a assumir a acção da Igreja na sociedade, combatendo a tentativa totalitarista do Estado moderno e dando início à mobilização e organização dos católicos, tendo em vista o florescimento do cristianismo<sup>152</sup>.

Apesar de ter sido em 1933 que se operou a grande difusão e aplicação da Acção Católica, os primeiros movimentos de Acção Católica em Portugal remontam já ao ano de 1922, quando se dá a fundação da Juventude Operária Católica, JOC, em Portugal.

A Acção Católica em Portugal foi criada de modo orgânico em 1933, tendo como fim a organização do laicado católico português e tendo como meta abarcar todos os campos da sociedade. Aquando da sua criação, optou-se por criar uma Acção Católica constituída por diversos organismos, vinte no total, os quais tinham como grande objectivo levar a Igreja e o Evangelho de Cristo a todos os campos da sociedade. Os organismos foram pensados para serem regidos por um organismo central e teriam depois as suas próprias direcções, funcionando como uma federação<sup>153</sup>. Esta orgânica encontra-se expressa nos princípios apresentados nas bases orgânicas da Acção Católica Portuguesa, que passamos a citar:

- «a) Constituição de Organizações com seus Organismos Especializados;
- b) Coordenação e cooperação, num plano nacional único, das Organizações e Organismos aludidos na alínea antecedente;
- c) Especialização segundo o sexo, a idade e a profissão;
- d) Autonomia de cada uma das Organizações e de cada um dos Organismos Especializados;

---

<sup>151</sup> Cf. FONTES, Paulo – *Elites Católicas em Portugal. O Papel da Acção Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2011, p. 319-320; p. 322; p. 328.

<sup>152</sup> Cf. FONTES – *A Acção Católica Portuguesa (1933-1974)*, p. 76.

<sup>153</sup> Cf. *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, pp. 14-15.

e) Quadro hierárquico da paróquia e da diocese, como base normal da cooperação com a hierarquia»<sup>154</sup>.

Este meio de organização espelhou-se no famoso “AEIOU” da Acção Católica Portuguesa<sup>155</sup>. Este era constituído por: movimento agrário, movimento estudantil, movimento independente, movimento operário e pelo movimento universitário. Todos estes movimentos eram divididos por sexo e estavam ainda divididos entre a fase da juventude e a fase adulta, tal como nos é apresentado nas bases orgânicas da Acção Católica Portuguesa.

«A Acção Católica Portuguesa compreenderá as seguintes organizações nacionais:

- a) Liga Católica,
- b) Liga Católica Feminina;
- c) Juventude Católica;
- d) Juventude Católica Feminina»<sup>156</sup>.

Esta orgânica pode ser melhor compreendida na seguinte tabela.

Meio	Idade	Sexo
A- Agrária	Juventude	Masculina
E- Estudante		
I- Independente	e	e
O-Operária	Liga	Feminina
U- Universitária		
5	x 2	x 2 = 20

No âmbito da missão da Acção Católica Portuguesa, eram realizadas diversas actividades, como reuniões de grupo, conferências, cursos, palestras, campanhas,

<sup>154</sup> *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, pp. 3-4.

<sup>155</sup> Cf. FONTES – *A Acção Católica Portuguesa (1933-1974)*, p. 79.

<sup>156</sup> *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, p. 5.

peregrinações, retiros, publicações, festas, congressos, entre outras. Nestas actividades, era utilizado o método de Revisão de Vida de Joseph Cardijn. O método facilitou a intervenção na realidade de cada meio. Contudo, a acção não se cingia só ao método, mas também a diversos momentos marcantes: os hinos de cada organismo, as festas litúrgicas e a grande celebração da festividade de Cristo-Rei. Estes momentos levavam a que as pessoas aprofundassem e exprimissem um sentido de pertença e comunhão com a Igreja em Acção Católica<sup>157</sup>, o que levou a que se gerassem comunidades cristãs vivas e frutificantes.

Actualmente, a Acção Católica em Portugal agrupa-se doutra forma. Esta nova organização deveu-se à reestruturação que o movimento sofreu após o Concílio Ecuménico Vaticano II, reestruturação influenciada pelo dito Concílio.

Encontra-se actualmente agrupado do seguinte modo: a ACI - Acção Católica Independente; a ACR - Acção Católica Rural (LAC); a JARC - Juventude Agrária Rural Católica; a JOC - Juventude Operária Católica; a LOC/MTC - Liga Operária Católica/Movimento de Trabalhadores Cristãos; o MAAC - Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças; o MCE - Movimento Católico de Estudantes; o MEC - Movimento de Educadores Cristãos.

### ***1.3. A Acção Católica Rural em Portugal***

Atendendo ao objectivo de renovar a cristandade portuguesa, optou-se por criar uma Acção Católica constituída por diversos organismos, vinte no total, como está descrito na tabela. Sendo fiel a este espírito organizativo, inserido nos organismos da Acção Católica Portuguesa, surgem os quatro organismos agrários: a Juventude Agrária Católica; a Juventude Agrária Católica Feminina; a Liga Agrária Católica e a Liga Agrária Católica Feminina.

#### *1.3.1. O movimento da Acção Católica Rural*

Uma das áreas visadas pela ACP foi a acção e trabalho em prol das populações dos meios rurais que, no início do século XX, se encontravam muito desprovidas de assistência e de formação. Pois os meios rurais no início do século XX estavam profundamente marcados pela pobreza e pelo analfabetismo. As vias de comunicação eram fracas e o desenvolvimento chegava lentamente. A todos estes problemas temos

---

<sup>157</sup> Cf. FONTES – A Acção Católica Portuguesa (1933-1974), pp. 82-83.

que juntar as grandes carestias que assolaram a Europa em consequência da I Grande Guerra (1914-1918).

Foi perante esta situação que, a 16 de Novembro de 1933, se organizaram movimentos dentro da Acção Católica Portuguesa, tendo como fim assistir estas populações dos meios rurais.

Esta intervenção da Acção Católica Portuguesa no meio rural desenvolveu-se em quatro organismos, de acordo com as bases da Acção Católica Portuguesa<sup>158</sup>. Estes organismos marcaram o início da história específica da Acção Católica Portuguesa no meio rural: a Juventude Agrária Católica; a Juventude Agrária Católica Feminina; a Liga Agrária Católica e a Liga Agrária Católica Feminina. Os dois últimos foram os impulsionadores da actual Acção Católica Rural.

Estes órgãos da Acção Católica Portuguesa nasceram tendo como fim a evangelização e promoção do meio rural, levando a mensagem de Cristo a este meio<sup>159</sup>. A evangelização era realizada pelos membros, os militantes, os quais trabalhavam na cristianização das pessoas, através da formação humana e da formação teológica, tendo como fim formar cristãos adultos na fé, aprofundando as razões do agir de acordo com as verdades da fé em Cristo. Esta formação tornou-se visível pela solidariedade comunitária e pela luta em favor da melhoria das condições de vida das pessoas que habitavam no meio rural.

O método utilizado nesta missão de anúncio de Cristo era o método da Acção Católica: a Revisão de Vida - “Ver, Julgar e Agir”<sup>160</sup>. Utilizando os inquéritos de campanha, pelo qual se faz um estudo dos problemas do meio, para descobrir quais as necessidades daqueles que carecem, a sua acção passa pela colaboração em obras de interesse espiritual, cultural e material da comunidade<sup>161</sup>, melhorando a vida das populações. O uso desta pedagogia pode ser confirmado nos diversos cadernos do militante da Acção Católica Rural<sup>162</sup>.

Desde a fundação da Acção Católica Portuguesa, na década de 30 até aos anos 50 do século XX, a sua acção em Portugal esteve fortemente marcada pelas dificuldades

---

<sup>158</sup> Cf. *GUIA da Acção Católica Portuguesa*, pp. 5-6.

<sup>159</sup> Cf. *GUIA de Acção Agrária* 28 (1962-1963) p.63.

<sup>160</sup> Cf. ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural*, pp. 4-5.

<sup>161</sup> Cf. ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural*, p.5.

<sup>162</sup> Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante*. Lisboa: Edição da Acção Católica Rural, 1982. Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante II*. Lisboa: Edição da Acção Católica Rural, 1984.

que assolaram este período histórico, uma época marcada por uma grande pobreza nos meios rurais, que levou a que se operasse um grande fluxo emigratório; muitas pessoas abandonaram os campos, indo procurar, quer nos grandes centros quer no estrangeiro, uma melhoria das suas condições de vida. Outro problema neste período prendeu-se com as habitações e as condições de vida das populações rurais. Nesta década ocorreram grandes alterações sociais e a Acção Católica contribuiu para que, no seio da Igreja, o contributo dos cristãos leigos ajudasse as comunidades cristãs a viverem e a ultrapassarem as dificuldades e os desafios que iam surgindo.

Chegamos à década de 60 do século XX. Nesta fase, a concepção da missão dos leigos na vida da Igreja foi sendo reflectida e passamos de uma ideia em que a missão dos leigos era vista como «participação no apostolado hierárquico», mas que não era mais que uma participação passiva, para uma concepção em que a missão dos leigos passou a ser entendida como «colaboração com o apostolado hierárquico». Esta nova visão da missão dos leigos abriu espaço para a acção dos leigos na vida social e eclesial. Para chegar a esta concepção tivemos o grande contributo do Concílio Vaticano II, onde se dá início a uma etapa significativa na vida da Acção Católica Rural.

O concílio ao identificar a Igreja com «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo»<sup>163</sup>, deu novos fundamentos ao método “Ver, Julgar e Agir”, dando origem à *Revisão de Vida do Meio*, levando a que os militantes se tornassem mais atentos aos problemas das pessoas e levando a um compromisso apostólico para lhes dar resposta.

É através do decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem*, sobre a «Vocação e a Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo», onde se firma a importância da missão dos leigos na vida da Igreja, missão que recebem do batismo, que esta dinâmica é colocada em prática. Este decreto faz a síntese do que os Papas, desde Pio XI, entendem sobre a missão e acção dos leigos no mundo.

No decorrer do concílio, o Papa Paulo VI refere-se à Igreja reunida como uma comunidade em Revisão de Vida<sup>164</sup>, o que reflecte bem a importância que a Acção Católica, e a Revisão de Vida, tinham na vida da Igreja. Com o Concílio Vaticano II, a acção laical na vida da Igreja diversifica-se surgindo a par da Acção Católica novos movimentos laicais, os quais deram à Igreja uma nova força de acção.

---

<sup>163</sup> CONCÍLIO VATICANO II – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*. In *AAS* 58 (1966) 1025.

<sup>164</sup> Cf. VEIGAS, Joana Rita Ferreira – *A Recepção do Concílio Vaticano II em Portugal, No caso da Acção Católica Rural (ACR)*, p. 24 [Tese de Mestrado].

A década de 70 do século XX ficou marcada por um duplo movimento na vida da Acção Católica Rural. Por um lado, efectuou-se a implementação das ideias conciliares e a reorganização do movimento da Acção Católica Rural; por outro lado assistiu-se à diminuição dos membros do movimento.

Nesta fase, a vida da Acção Católica Rural reformulou-se, tendo sido assumida a actual organização da Acção Católica Rural. A nova organização é a herdeira da antiga Liga Agrária Católica masculina e feminina (LAC/LACF), tendo surgido com a nova fisionomia e o novo nome em 1976, quando se dá a fusão num só organismo da Liga Agrária Católica e da Liga Agrária Católica Feminina, fusão que foi levada a cabo no Conselho Nacional, realizado no ano de 1978. Nesse conselho, são aprovados os novos estatutos. Mais tarde, no ano de 1983, a Acção Católica Rural passa a integrar os jovens da antiga Juventude Agrária. A organização adquire então o esquema organizativo que mantém até hoje com algumas adaptações, tais como o trabalho com adolescentes.

A Acção Católica Rural é hoje um Movimento que está organizado em três grandes níveis: as equipas de base paroquial, as equipas diocesanas e a equipa nacional. Os seus membros são homens e mulheres, jovens e crianças que caminham apostolicamente em conjunto, tendo-se iniciado, muitos deles, nos Movimentos Juvenis Agrários (JAC/JACF), que foram a sua escola de vida e de apostolado.

Ao longo dos anos, o movimento da Acção Católica Rural percorreu um caminho de crescimento e fez a sua evolução à luz do próprio Magistério da Igreja, em particular no que diz respeito à Vocação e Missão dos Leigos no mundo. Deste modo, a Acção Católica Rural apresentou-se como um movimento que soube ler os sinais dos tempos e que tem procurado prosseguir com os seus objectivos apostólicos que lhe são próprios desde a sua fundação: anunciar Cristo ao mundo, com fidelidade à Igreja, à luz dos sinais dos tempos.

No ano de 1988, decorreu em Fátima o Congresso Nacional de Leigos, sob o tema: “A Missão dos leigos na Igreja e no Mundo”. Neste congresso, a Acção Católica Rural teve uma acção importante na condução e reflexão dos temas estudados.

Um outro momento basilar na definição e na missão da Acção Católica Rural foram as Segundas Jornadas Sociais, realizadas em 1993<sup>165</sup>. Estas marcaram a viragem decisiva da Acção Católica Rural (ACR) para a acção no campo social, essência da sua acção apostólica, uma vez que nesta assembleia os militantes da Acção Católica Rural

---

<sup>165</sup> Cf. <http://www.cnal.pt/index.php/associacoes/283-accao-catolica-rural>. Acção Católica Rural. Acedido a 02-04-2017, 10:00 h

procuraram reflectir e redefinir a missão da Acção Católica Rural na vida da Igreja e na vida da sociedade portuguesa.

No decorrer dos anos noventa e com o aproximar do novo milénio, a Acção Católica Rural procurou pôr em prática o que havia sido discutido e decidido nas jornadas de 1993. Durante este período, um dos marcos na vida do movimento foi a vivência, em união com toda a Igreja, do Jubileu do ano 2000.

Posteriormente, passado o grande ano 2000, ocorreu outro acontecimento marcante na vida da Acção Católica Rural. Falamos das IV Jornadas Nacionais da ACR, que decorreram de 13 a 14 de Julho de 2013, em Braga. Nesta assembleia, foram analisados os últimos anos da vida do movimento, tendo sido delineadas as guias orientadoras para a acção do movimento no triénio 2013-2016. Estas linhas passam pela transformação da vida segundo os critérios do evangelho. Foram assinalados vários contextos de intervenção, tendo como fim a promoção humana e social.

Em primeiro, foi assinalado o contexto social. Neste procura-se analisar e dar respostas à crise e às mudanças sociais, como o desemprego e a degradação social. Foi também assinalada a importância da família para a vida da sociedade, assumindo o propósito de caminhar e trabalhar em favor da natalidade e do apoio aos idosos em tempo de crise.

A segunda área assinalada nas jornadas foi o contexto económico. Foi abordado o regresso à agricultura e a importância do sector primário para a vida económica do país. Abordou-se o desenvolvimento das potencialidades locais, a gestão do orçamento pessoal e familiar e, por fim, abordou-se a importância da transparência ética na actividade económica, quer laboral, quer familiar.

Outro ponto assinalado na assembleia foi a questão cultural. Assinalou-se a importância da preservação das raízes e valores históricos, patrimoniais e culturais, a fim de se conservar a vida e o saber que nos foram transmitidos pelos antecessores. Neste ponto, foi também assinalada a importância da dinamização cultural da comunidade, a fim de que esta seja portadora dos valores culturais e humanos para as gerações futuras.

Por fim, foi assinalado o contexto eclesial, pedra basilar da Acção Católica Rural e que há-de conduzir a sua acção. Neste ponto, foi analisada a importância da Doutrina Social da Igreja e do acolhimento do Concílio Vaticano II, procurando, descobrir os desafios que estes colocam hoje à vida e missão do movimento da Acção Católica Rural.

Na mesma assembleia foi eleita a equipa nacional. O lema escolhido para o triénio foi: «O Futuro é agora: semeia, cuida, partilha!» e teve como principal objectivo ajudar o movimento a adaptar-se aos desafios concretos do presente e do meio onde está inserido<sup>166</sup>.

### *1.3.2. Os principais temas de trabalho abordados no movimento da Acção Católica Rural*

A vida dos organismos que compõem a Acção Católica Rural é marcada pela proposta de temas de reflexão, temas esses, que podem ser de abrangência nacional ou internacional, ou então que podem dizer respeito à vida das comunidades onde os organismos da Acção Católica Rural estão inseridos. As propostas de reflexão têm por fim ajudar os militantes a viver a sua vida em Cristo, procurando levá-los ao crescimento na fé e na caridade. Estas propostas de reflexão e trabalho chegam aos militantes por meio das publicações próprias do movimento, como o “Caderno do militante” e a revista Mundo Rural. Neste ponto, de forma breve, assinalaremos os principais temas abordados nesta publicação e qual foi a sua evolução ao longo dos anos. Vamos realizar o nosso estudo dividindo o período temporal em três fases:

#### *1.3.2.1. Da implementação da Acção Católica em Portugal ao Concílio Vaticano II*

Durante este período, as reflexões e os temas de trabalho, nos grupos de trabalho da Acção Católica Rural, centravam-se nos temas seguintes: «Comunidade rural e o desenvolvimento humano»; «As instituições locais comunitárias ao serviço do desenvolvimento»; «A vida religiosa e a acção temporal; A formação religiosa»; «Educação das crianças e dos jovens»; «A família e o desenvolvimento do meio rural»; «A agricultura de grupo»; «A constituição de Cooperativas»<sup>167</sup>.

#### *1.3.2.2. Do Concílio Vaticano II à década de noventa*

Durante esta fase as reflexões e os temas de trabalho, abordados nos grupos de trabalho da Acção Católica Rural, centravam-se nos temas seguintes: «O Homem e o trabalho»; «Solidariedade dos trabalhadores agrícolas»; «Associativismo-princípio básico da humanidade»; «Dignidade e solidariedade do trabalho na indústria»; «Missão

---

<sup>166</sup> Cf. ACCÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora! Caderno de trabalho*, 2014, pp. 4-5.

<sup>167</sup> Cf. ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Comunidade rural e Desenvolvimento humano: Campanha para o ano social de 1967/68*. Torres Novas: Gráfica Almodina, [s.d.].

educadora da família”; «O pai, na família»; «Repouso e tempos livres»; «Tempos livres e cultura»; «Nós e a televisão»; «A televisão e as crianças»<sup>168</sup>.

### 1.3.2.3. Após o ano 2000

Nesta fase, a reflexão da Acção Católica Rural passa pelos seguintes temas: «O valor da família»; «A família e a crise económica e social»; «A família e a abertura à vida»; «A família um projecto duradouro»; «Dificuldades da comunidade cristã»; «Os jovens e a Igreja»; «Caminhos de comunhão»; «O regresso à agricultura»<sup>169</sup>.

### 1.3.3. Missão

O espírito da Acção Católica Rural, a grande marca que este movimento implementou e procura implementar, passa por colocar Jesus Cristo no centro da vida dos cristãos. Para isso, assenta a acção dos seus membros em quatro princípios chave que são: Formar, Participar, Corresponsabilizar e Evangelizar<sup>170</sup>.

A sua base de acção são as equipas paroquiais que desenvolvem localmente a campanha de trabalho de acordo com as capacidades específicas dos seus membros e com as necessidades do meio em que estão inseridas. Estas equipas reúnem periodicamente em conselhos diocesanos para acções de formação e planificação do trabalho do movimento na diocese. Existe ainda uma equipa a nível nacional que tem o papel de moderação e de dinamização do trabalho conjunto do movimento em todas as dioceses e o desenvolvimento de acções de formação, cadernos de trabalho e a operacionalização das campanhas resultantes das reuniões nacionais de militantes. O método de base empregado na acção da Acção Católica Rural é o projecto de Revisão de vida, o “Ver, Julgar, Agir”, de Joseph Cardijn<sup>171</sup>, que é o “cerne da Acção Católica”<sup>172</sup>.

O movimento da Acção Católica Rural defende e promove a formação integral dos seus membros, com o objectivo de que estes tenham uma fé mais firme, esclarecida e autêntica, uma fé que leve à participação e actuação no meio em que está inserido, levando o membro da Acção Católica a ser como fermento na massa.

---

<sup>168</sup> ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante*. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante II*.

<sup>169</sup> Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora!*.

<sup>170</sup> Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora!*, p. 6.

<sup>171</sup> Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora!*, pp. 4-5.

<sup>172</sup> ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora!*, p. 4.

Deste modo, os projectos que procuram desenvolver passam por iniciativas concretas e pretendem levar alguma melhoria ao meio onde vivem. Assim, outra palavra de ordem da Acção Católica Rural é “corresponsabilidade”. Esta caracteriza-se por levar os seus membros a assumirem responsabilidades concretas no meio onde vivem, procurando realizar tarefas em prol do bem comum.

O anúncio do Evangelho é o grande divisa e a missão de toda a Acção Católica. Assim sendo, o Evangelho assume um papel central na vida da Acção Católica Rural. Esta opção evangélica está na linha de acção de toda a Igreja e também na linha de trabalho dos movimentos da Acção Católica que, fiéis ao mandato de Cristo e ao exemplo de Cardijn, procuram ser, no mundo, um sinal e testemunho da vida nova de Cristo e do seu Amor pela humanidade. Na vida da Acção Católica Rural é ressaltada a necessidade de imbuir a vida na luz do espírito evangélico, levando à união entre a fé professada e a vida, de modo a que aquilo que se vive seja o que se professa, e aquilo que se professa seja o que se vive.

Esta missão da Acção Católica Rural deve ser encarnada, objectiva e operante, a fim de participar na construção de um mundo melhor, vendo o mundo com os olhos de Jesus. Deste modo, actualmente a vida da Acção Católica Rural em Portugal passa, em grande parte, por projectos concretos através dos quais se procura anunciar Cristo, trabalhando na melhoria do meio onde se está. A Acção Católica Rural realiza e promove projectos, no espírito evangélico, de abertura ao outro e de doação, os quais visam a melhoria da sociedade, promovendo a transformação na vida do meio<sup>173</sup>.

Os projectos que a Acção Católica Rural procura realizar baseiam-se no compromisso de investir fortemente na redescoberta da metodologia da Revisão de Vida, estando assente nas seguintes resoluções:

- A urgência de traçar e expor um percurso de formação à luz do Evangelho, estimulando a formação contínua dos militantes e dirigentes;
- O trabalho de consolidação e de geração de novos grupos de crianças, adolescentes e jovens e a captação de militantes adultos, garantindo assim o presente e o futuro do Movimento;
- Continuar a propor e a proporcionar a realização de projectos e actividades, de oração, formação e acção, de modo a criar e consolidar uma forte fidelidade a Cristo.

---

<sup>173</sup> Cf. ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora!*, pp. 7-8.

Estes compromissos tem por fim conduzir o movimento e os seus militantes a actividades e acções concretas, as quais passam pelas seguintes actividades: ajudar a mudar e a melhorar as condições de vida das pessoas (habitação, cultura, tempos livres); ajudar a mudar e a melhorar as infraestruturas (Escola, Saúde, Saneamento, Ambiente, etc...); aumentar a solidariedade e melhorar a Segurança Social das populações; revalorizar as famílias e o seu valor na sociedade; integrar e corresponsabilizar os jovens; promover iniciativas de desenvolvimento e emprego; iniciar os adolescentes nos princípios cristãos e da Acção Católica; procurar recuperar os valores ético-morais cristãos católicos, destacando-se o empenho em favor de defesa da vida em todas as suas fases; ajudar a transformar as paróquias em espaços de comunhão e corresponsabilidade; fazer com que os fiéis assumam os seus direitos e cumpram os seus deveres<sup>174</sup>.

#### *1.3.4. Desafios para a Acção Católica Rural*

Vamos agora expor os desafios que, após estudo efectuado, entendemos que são colocados ao movimento da Acção Católica Rural. A missão da Acção Católica Rural passa por ser fiel aos seus princípios, seguir os ensinamentos de Jesus e através da revisão de vida, levar os seus membros a viverem a sua fé de forma encarnada e viva, levando a que estes consigam ser sal e luz no seu meio, ajudando na construção de um mundo melhor. Neste sentido, apontamos os principais desafios que, no nosso entender, hoje se colocam à Acção Católica Rural, a fim de que esta consiga ser fiel à sua missão. Aos Jovens: «Participa, sê interveniente, actua no teu meio. Realiza um dos projectos da ACR e colabora na mudança. Sê corajoso e forma um grupo de jovens em ambiente ACR»<sup>175</sup>.

O que a Acção Católica Rural propõe aos jovens é que estes sejam intervenientes no seu meio e que promovam a mudança e a afirmação do essencial, que é o seguimento de Jesus Cristo, que cresçam em estatura sabedoria e graça e que vivam a sua vida de forma verdadeira e alegre, e que sejam testemunhas da alegria de Deus.

---

<sup>174</sup> Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/conselho-nacional-da-acciao-catolica-rural/>. Agência Ecclesia – Conselho Nacional da Acção Católica Rural. Acedido a 03-04-2017, 20:30 h.

<sup>175</sup> <http://acrnacional.blogspot.pt/2007/03/o-movimento-aco-catolica-rural.html>. ACR Nacional. Acedido a 08-03-2017, 11:00.h.

Aos Adultos: «Sai do teu comodismo - conformismo - Junta-te a outros e constrói. Preocupa-te com a tua terra, não apenas contigo. Faz Igreja, faz comunidade, faz solidariedade, faz grupo, em ambiente ACR»<sup>176</sup>.

O que a Acção Católica Rural propõe aos adultos é que estes sejam verdadeiros cristãos e que, ao sê-lo, se tornem em construtores e obreiros de um Mundo de paz e de amor, um Mundo melhor.

---

<sup>176</sup> <http://acrnacional.blogspot.pt/2007/03/o-movimento-aco-catlica-rural.html>. ACR Nacional. Acedido a 08-03-2017, 11:00.h.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação incide sobre a história do movimento da Acção Católica e da Acção Católica Rural. O trabalho que aqui apresentámos resulta da pesquisa e análise da informação proveniente de diversos meios, principalmente de pesquisa bibliográfica.

Nela vimos como a proposta radical de Joseph Léon Cardijn, o método de revisão de vida, se propagou por todo o mundo, tendo tido também uma grande implementação e vivência em Portugal. Tal implementação desenrolou-se, abarcando os vários campos da vida social e humana do país. Foi aqui analisado e constatado como a inspiração de Cardijn ajudou a transformar e a valorizar a vida de muitas pessoas no meio rural em Portugal, as quais, por sua vez, ajudaram no desenvolvimento e na melhoria das condições de vida material e espiritual das suas comunidades.

No primeiro capítulo, elaborou-se uma biografia do autor e apresentou-se uma breve resenha histórica, na qual se pretendeu caracterizar a época em que ele nasceu e se formou, procurando aferir as influências e os acontecimentos que levaram Joseph Léon Cardijn a assumir a missão em favor dos operários.

No segundo capítulo, incidimos e analisámos o método de Cardijn e o seu pensamento. Nele estudámos os fundamentos, examinámos o método que ele formulou e propôs, analisando as três verdades fundamentais do método, que são: a verdade da fé, a verdade da experiência e a verdade da prática pastoral. Chegámos à conclusão que o método proposto por Joseph Léon Cardijn se apresenta como um fôlego novo, no anúncio e vivência da fé em Cristo.

Este capítulo termina com a exposição da pedagogia do método e dos objetivos que este apresenta. Estes objetivos passam pelo anúncio do evangelho, procurando levá-lo à realidade concreta da vida das pessoas e das comunidades.

No terceiro capítulo, procurámos descer ao concreto, estudando a aplicação do método de vivência da revisão de vida apresentada por Joseph Léon Cardijn, aplicado ao mundo rural, na situação concreta da Acção Católica Rural e na sua implementação e

ação em Portugal. Neste sentido, apresentámos o início da Ação Católica e a orgânica que o movimento assumiu na sua implementação no território português, tendo-se organizado no famoso "AEIOU", assumindo a vontade de alargar a sua missão a todos os quadrantes da vida social portuguesa.

Na última fase da dissertação, prendemo-nos então na ação do movimento da Ação Católica Rural, apresentámos de forma breve a história do movimento, destacando os temas de trabalho e de reflexão que marcaram a vida da Ação Católica Rural, desde a sua implementação em Portugal até aos dias de hoje. Posteriormente, expusemos a missão da Ação Católica Rural e os princípios que regem a sua ação. Ao concluir o trabalho, expomos aqueles que a nosso ver se apresentam como os grandes desafios para a vida e missão deste movimento.

Ao concluir este estudo, apraz-nos ainda refletir sobre algo que se torna demasiado visível no mundo de hoje: os homens estão cada vez mais alheados e indiferentes a Deus.

Fazem-se importantes estudos sobre os desequilíbrios numa economia global, em que apenas uns poucos detêm a maior parte das riquezas do mundo, deixando as grandes massas à míngua de pão. Muito se discorre sobre a guerra, a violência, a mentira e a corrupção, com todas as consequências nefastas que daí advêm. Muito se escreve e se fala sobre o trabalho, a produção e os salários, mas as soluções são irrelevantes, dado que muitos trabalhadores entendem que mais vale ganhar pouco do que não ganhar nenhum. Mas todos sabemos que esta comunicação que nos chega no dia a dia pretende mais informar do que solucionar.

Por outro lado sabemos que o Movimento da Ação Católica quase desapareceu das estruturas do trabalho apostólico das nossas paróquias e da Igreja em geral. Constatamos que grupos de cariz apostólico fizeram e fazem das suas reuniões meros espaços de convívio, sem qualquer incidência no mundo atual. Grupos há, voltados para a espiritualidade, que se ficam a saborear uma espiritualidade desencarnada que não faz viver nem refletir Jesus Cristo. Face ao mundo que temos e à pouca dinâmica que sentimos em vários sectores da Igreja, entendemos, depois de verificar os bons resultados do método “Ver, Julgar e Agir”, que haveria necessidade de acordar de novo

para esta forma de trabalho apostólico, que nos parece útil e indispensável para que a Igreja volte a ganhar um lugar especial no mundo do operariado e no mundo rural, tão necessitados de uma nova atenção e de uma dinâmica mais eficaz.

## Bibliografia

### I. Fontes

*A ACÇÃO Católica do presente e do futuro*. Lisboa: Rei dos Livros, 1985.

ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *ACR Documentos*, 2000.

ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Da Missão à Acção* – Acção Católica Rural, 2011-2012.

ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante*. Lisboa: Edição da Acção Católica Rural, 1982.

ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *Caderno do Militante II*. Lisboa: Edição da Acção Católica Rural, 1984.

ACÇÃO CATÓLICA RURAL – *O Futuro é Agora! Caderno de trabalho*, 2014.

*GUIA da Acção Católica Portuguesa*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Rádio renascença, 1946, vol. 1.

*GUIA de Acção Agrária* 28 (1962-1963).

ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Construir uma comunidade rural: Campanha para o ano social de 1966-67*. Torres Novas: Gráfica Almodina, [s.d.].

ORGANISMOS ADULTOS AGRÁRIOS CATÓLICOS – *Comunidade rural e Desenvolvimento humano: Campanha para o ano social de 1967/68*. Torres Novas: Gráfica Almodina, [s.d.].

## II. Magistério

CONCÍLIO VATICANO II – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*. In *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) 1084.

CONCÍLIO VATICANO II – Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) 837-864.

JOÃO XXIII – Encíclica *Mater et Magistra*. In *Acta Apostolicae Sedis* 53 (1961) 401-464.

JOÃO XXIII – Encíclica *Pacem in Terris*. In *Acta Apostolicae Sedis* 55 (1963) 257-304.

JOÃO PAULO II – Encíclica *Laborem exercens*. In *Acta Apostolicae Sedis* 73 (1981), 583-584.

JOÃO PAULO II – Encíclica *Sollicitudo rei socialis*. In *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1987) 513-586.

JOÃO PAULO II – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*. In *Acta Apostolicae Sedis* 81 (1989) 393-521.

JOÃO PAULO II – Encíclica *Centesimus annus*. In *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991) 793-867.

LEÃO XIII – Carta Encíclica *Rerum Novarum*. In *Acta Leonis XIII* 11 (1891) 97-148.

PAULO VI – Carta Apostólica *Octogesima adveniens*. In *Acta Apostolicae Sedis* 63 (1971) 401

PAULO VI – Encíclica *Populorum progressio*. In *Acta Apostolicae Sedis* 59 (1967) 257-299.

PIO XI – Carta Encíclica Quadragesimo Anno. In *Acta Apostolicae Sedis* 23 (1931) 177-228.

### III. ESTUDOS

*A IGREJA no mundo operário: Contributos para a história da Liga Operária Católica e da Liga Operária Católica Feminina (1936- 1974)*. Palheira, Assafarge: Gráfica de Coimbra, 2002.

ANTUNES, Alberto; ESTANQUEIRO, António; VIDIGAL, Mário – *Dicionário Breve de Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

AUBERT, Roger – *Cardijn: O Apóstolo da Juventude Trabalhadora*. Palheira, Assafarge: Gráfica de Coimbra, 1999.

BIORD CASTILLO, Raúl - Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar. [http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion\\_teologica\\_metodo\\_verjuzgaractuar.pdf](http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion_teologica_metodo_verjuzgaractuar.pdf). Acedido a 03-04-2017, 16:00h

BIRCK, Afonso José, *Um mundo a construir: o apostolado dos leigos no pensamento de J. Cardijn*, Edições Loyola, São Paulo, 1975.

BRAGA, G. Capone – Illuminismo. In *Enciclopedia di Filosofia*. Firenze: Ed. Gallarate, 1982, vol. 4.

CASAROLI, Agostino – Carta à juventude Operária Cristã. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-casaroli/1982/documents/rc\\_seg-st\\_19821113\\_giov-operaia-cristiana\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-casaroli/1982/documents/rc_seg-st_19821113_giov-operaia-cristiana_po.html)  
Acedido a 20-03-2017, 15:30.h

CLEMENTE, Manuel – *Leigos na Igreja e no mundo – Relendo a «Christifideles Laici»*. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/leigos-na-igreja-e-no-mundo-relendo-a-christifideles-laici/> Acedido a 03-04-2017,. 22:30.h

*ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de Cultura - Edição Século XXI*. Dir. João Bigotte Chorão. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 1998, vol. 5.

FELICIDADE ALVES, José da – *Católicos e Política: De Humberto Delgado a Marcelo Caetano*. Lisboa, 1969.

FIEVEZ, Margueritte; MEERT, Jacques – *Cardijn*. EDC - Edições Operárias Cristãs, Lisboa, 1982.

FLICHE, Augustin; MARTIN, Victor - *Historia de la Iglesia*. Valencia: EDICEP, 1974, vol. 24.

FONTES, Paulo – *Elites Católicas em Portugal. O Papel da Acção Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2011.

GOFFI, Tullo – Revisión de vida. In *Nuevo Diccionario de Pastoral*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1990.

*GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1981, vol. 1.

GRIGORIEFF, Vladimir - *Manual Básico de Filosofia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1983.

GUTIERREZ, Exequiel R. – *De Leão XIII a João Paulo II: Cem Anos de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1995.

*HISTÓRIA Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Casais de Mem Martins, Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002, vol. 3.

HUME, David – *Investigação sobre o entendimento humano*, Edições 70, Lisboa, 2016

LOCKE, John – *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1999, p. 37-

MARÉCHAL, Albert – *A Revisão de Vida: Toda a nossa vida no evangelho*, Palheira: Gráfica de Coimbra, 2009.

MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Edições Loyola, 1995-1997, 4 vols.

PERANI, Cláudio – *A revisão de vida instrumento de evangelização*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

PIERRARD, Pierre – *História da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

PINHO, Arnaldo – *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1991

PINTO, António Vaz – *Ateísmo e fé: à busca de Deus*. Braga: Editorial A.O., 1997

RIOUX, Jean-Pierre - *A Revolução Industrial 1780-1880*. Tradução de Waldirio Bulgarelli. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

SIMÕES, Pedro Jorge Silva – *A Espiritualidade da vida oculta de Jesus de Nazaré*, pp. 35-36 [Tese de Mestrado].

<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15516/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20-%20Pedro%20Sim%C3%B5es.pdf>. Acedido a 03-04-2017, 20:30.h

THOMPSON, Edward P. – *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, vol. 1.

TIBARDI, Luís – *Manual de Acção Católica*. Braga: Oficinas Gráficas da «Pax», 1935, vol. 1.

TOUCHARD, Jean – *História das Ideias Políticas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970, 7 vols.

VEIGAS, Joana Rita Ferreira – *A Recepção do Concílio Vaticano II em Portugal, No caso da Acção Católica Rural (ACR)* [Tese de Mestrado]. [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14549/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Joana%20Veigas\\_MIT\\_2014.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14549/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Joana%20Veigas_MIT_2014.pdf) Acedido a 03-04-2017, 20:00.h

#### **IV. Revistas**

FONTES, Paulo – A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a Presença da Igreja na Sociedade. *Lusitania Sacra* 2ª série 6 (1994) 61-100.